

A ORDEM

*L'ordre est la loi du monde naturel et la
loi du monde surnaturel — HELLO.*

1098
1974

ANNO XV — VOL. XIII

JANEIRO A JUNHO DE 1935

CENTRO DOM VITAL
BIBLIOTECA

RIO DE JANEIRO

Redacção e administração: Praça 15 de Novembro, 101, 2º

CAIXA POSTAL: 249

“O Centro D. Vital é a maior afirmação da intelligencia christã em terra do Brasil.

Cardeal Leme, Arcebispo

~~~~~  
~~~~~  
~~~~~

**Inscreeva-se como socio do**  
**CENTRO D. VITAL**  
**do Rio de Janeiro**  
**Fundador: JACKSON DE FIGUEIREDO**

~~~~~  
~~~~~  
~~~~~

DIRECTORIA :

Presidente:

Alceu Amoroso Lima.

Vice-presidente:

Hamilton Nogueira.

Secretario:

Hannibal Porto.

Thesoureiro:

M. Xavier Pedrosa.

Não limite sua acção apenas á leitura d' A ORDEM. A Acção Catholica reclama sua cooperação nas fileiras do Centro D. Vital.

O C. D. V. fundado ha 14 annos no Rio de Janeiro, por Jackson de Figueiredo, é representado, hoje, por mais 12 entidades congeneres nas seguintes cidades: Recife, S. Paulo, S. João del Rey, Bello Horizonte, Aracajú, Fortaleza, Porto Alegre, S. Salvador, Juiz de Fóra, Itajubá, Ouro Preto e Uberaba

**Centro D. Vital — Caixa Postal 249
— Rio de Janeiro.**

"VOZES DE PETROPOLIS"

REVISTA CATHOLICA COM MAIS DE 25 ANNOS DE
EXISTENCIA — ASSIGNATURA ANNUAL 15\$000 — NU-
MERO AVULSO 1\$500 — PARA O EXTERIOR 20\$000

Nella se acha alimento e egalo para o sábio, para o
literato, para o artista, para o operario.

Srs. Prelados, abençoe "Vozes de Petropolis" e
mostrae-lhes vosso generoso interesse.

Srs. Vigarios recommendae "Vozes de Petropolis"
aos catholicos que vos estão confiados.

Srs. Directores de associações religiosas, propague
"Vozes de Petropolis" entre vossos associados.

Srs. Paes de familia, assignae para vossos filhos
mais velhos "Vozes de Petropolis", para que já se in-
teressem por questões mais sérias.

Srs. Directores de collegios, recommendae "Vozes
de Petropolis" aos alumnos das ultimas classes.

Srs. professores, medicos, advogados, engenheiros,
academicos e todos que se occupam com trabalhos do
espirito, procure conhecer "Vozes de Petropolis".

REMETTEM-SE, GRATIS, EXEMPLARES DE AMOSTRA

Pedidos á administração das "Vozes de Petropolis"
Caixa postal, 23 — Petropolis — Estado do Rio

Todos os professores e intellectuaes catholicos
interessados nos problemas de educação devem
ler a

REVISTA BRASILEIRA DE PEDAGOGIA

DIRECTOR: EVERARDO BACKHEUSER

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA RODRIGO SILVA, 3 — Tel. 2-4854 — Caixa Postal 2494
RIO DE JANEIRO

Assignatura annual: 12\$000.

Numero avulso: 2\$000

n.º 54

CATHOLICISMO E INTEGRALISMO

TRISTÃO DE ATHAYDE

II

Depois de refugar a triplice attitude de **condemnação**, de **exaltação** e de **espectativa**, dos catholicos em face do movimento integralista — concluimos justificando a **compreensão** e **participação** no mesmo, sob certas condições que me parecem imprescindiveis: “que conservem intangivel a **preeminencia** de sua consciencia catholica sobre a sua consciencia politica; que tenham realmente vocação politica e não apenas inclinação social, civica ou partidaria; que não tenham responsabilidades de direcção na Accção Catholica” (1).

Para estudar nesta segunda parte, como prometti, não mais o **julgamento** dos catholicos sobre o Integralismo, mas essa **compreensão** e **possivel participação** no movimento, penso que o exame de cada uma dessas condições nos porá, como desejo, em contacto com o problema em sua actualidade concreta, afim de esclarecer as consciencias e evitar as confusões.

Estudemos, pois, em separado, cada uma das tres condições que, a meu vêr, devem preencher os catholicos para participar utilmente de um movimento da envergadura desse que examinamos. Sendo inutil repetir que estas indicações representam apenas meu pensamento individual, não implicando **directa** ou **indirectamente**, de modo proximo ou remoto a responsabilidade das autoridades ecclesiasticas, unicas a quem cabe dizer a palavra autorizada sobre o assumpto.

I. **PREEMINENCIA DA CONSCIENCIA CATHOLICA SOBRE A CONSCIENCIA POLITICA**

Essa exigencia póde parecer a uns superflua, e a outros **des-cabida**.

Dir-se-ha que um catholico, ou mantem sempre essa **preeminencia** ou deixa de ser catholico. E, portanto, é superflua a condição.

(1) “A Ordem”, n. 58. Dez. 1934, p. 413.

Em these, póde ser. Na pratica, a coisa é muito outra. Não é segredo, para ninguem, que o catholicismo soffreu, no Brasil, mais que em qualquer parte, a influencia deleteria do liberalismo que solapou, insidiosamente, as suas bases sobrenaturaes e racionaes, deixando-o em numerosos espiritos e ambientes como simples attitudе convencional, como sentimentalismo burguez ou como tradição de familia. Já temos, por vezes, estudado esse terrivel depauperamento que a rude Fé Catholica soffreu, em nossa historia, e de que Julio Maria ou Jackson de Figueiredo traçaram imagens inesqueciveis, proseguindo asperamente na reacção que D. Vital e D. Antonio haviam iniciado, com o seu apostolado e o seu martyrio.

A reacção, contra esse desfibramento se vem fazendo, laboriosa e lenta, principalmente a partir do brado de alarme dado por D. Sebastião Leme, quando Arcebispo de Pernambuco. Mas está longe de ter exgotado a sua tarefa e, ao contrario, se encontra ainda em inicio.

Sendo assim, nada mais necessario do que exigir dos catholicos que participarem do movimento integralista, uma consciencia viva dos seus direitos e deveres, afim de não se estabelecer a confusão nos espiritos e na pratica. Para os catholicos esclarecidos, essa exigencia é inocua. Mas para os outros, é indispensavel. E para todos, uma garantia.

O integralismo, como muito bem accentuam os seus chefes responsaveis, não é um partido politico como qualquer outro, que silencia, em seu programma, toda attitudе religiosa e philosophica. Elle visa muito mais do que isso. E o entusiasmo que desperta está justamente no ambito muito mais amplo de suas pretensões, como movimento politico. Reagindo contra o espirito da politica democratico-liberal — que era silenciar sobre questões de principios geraes philosophico-religiosos, limitando-se ao ambito estritamente politico — colloca-se o Integralismo em uma posição muito mais firme e mais moderna, como no extremo opposto o faz o Communismo, de que é o Integralismo, no campo politico, a mais radical negação. Apresenta-se, não apenas como partido politico, mas como uma philosophia social, e mesmo como uma philosophia da vida. Aquella é o nacionalismo e esta o espiritualismo. Naquella, faz seu tudo o que fôr em beneficio da Nacionalidade, dizendo como Maurras, iniciador de todos esses movimentos de reacção contra-revolucionaria, de que o nosso Integralismo é o reflexo brasileiro: "Tout ce qui est national est nôtre."

Nesta, no espiritualismo, quer fazer uma especie de frente unica em torno da idéa e do sentimento de Deus, acceitando em suas

fileiras todas as confissões religiosas e posições philosophicas, desde o espiritismo ao catholicismo.

Embora falso e perigoso em principio, esse liberalismo religioso póde ser perfeitamente defensavel, como movimento de alliança temporaria contra males mais graves e iminentes. E' o proprio Pio XI que, no caso particular da cruzada contra os sem-Deus, appella para todos aquelles que tenham conservado ou renovado em sua intelligencia e em seu coração, não o Deus abstracto dos philosophos, mas o Deus vivo da Revelação Judaica-Christã.

Mas por isso mesmo que é um liberalismo religioso, poderá ter as mais graves consequencias, se não fôr comprehendido como simples alliança para fins determinados e temporaes, como, por exemplo, a campanha da Decencia contra o Cinema Immoral, nos Estados-Unidos. E para que não vá attingir as fibras intimas da Fé e os fundamentos do Dogma, é necessario que haja de parte dos catholicos um conhecimento bem definido e positivo de sua propria doutrina religiosa e social, bem como um proposito inabalavel de conservar a sua consciencia catholica acima de todo o seu entusiasmo politico.

Praticamente se tem visto muitas vezes o contrario: o Integralismo substituir-se lentamente ao Catholicismo. E este é o ponto mais delicado deste delicadissimo problema da posição dos catholicos no Integralismo, que agora estamos tratando, depois de termos visto a sua posição em face do Integralismo.

Bem sei que me arrisco, aqui como em tudo mais, a não ser comprehendido, a ser acoimado de "literato" ou de "ergoteur", como dizem os francezes, que, ao se afogar, exige que a taboa de salvação que lhe ciferecem, seja pintada de branco e amarello, e não de verde e amarello... Como não estou escrevendo, porém, para agradar aos integralistas ou aos não-integralistas, e sim para esclarecer honestamente, quanto está em minhas forças, os que me pedem orientação, não me interessa a impressão produzida naquelles a quem não se dirigem minhas palavras.

A experiencia tem demonstrado que ha realmente, no caso de participação dos catholicos no movimento integralista, esse perigo de substituição insensivel de uma coisa por outra.

Começa, em geral, o catholico nessas condições por uma reprovação muito justa ao descalabro politico, economico e moral do Brasil e por um interesse crescente, por um movimento de reacção contra essa decadencia de costumes politicos que o Integralismo offerece. Entra para o movimento e nelle se confirmam as suas esperanças.

Uma das mais bellas conquistas do Integralismo é, sem duvida, a atmospheria de heroicidade que alimenta. E' innegavel que os partidos correntes, meras formações tradicionaes ou opportunistas, "liberaes" ou "sociaes" de rotulo, "regionaes" e "individuaes" de facto, não offerecem, de modo algum, essa renovação do ambiente. Só vamos encontrar esse espirito no extremo opposto, nas hostes communistas, sejam de burguezes, sejam de proletarios, e sobretudo estas, pois os burguezes-communistas são geralmente sentimentaes (espectaculo das miserias da sociedade capitalista), cerebraes (influencia de Marx, Lenin, Shaw, etc.), ou opportunistas (vão ao communismo, porque acreditam ser elle inevitavel e querem estar de bem com os dominadores), ao passo que os communistas-proletarios possuem um mes-sionismo que alimenta a fé, desciada do seu objecto proprio e applicada á Revolução-Social.

Só nos dois extremos politicos da sociedade moderna, Communismo e Fascismo (hitlerismo, integralismo, etc.) é que encontramos esse espirito de dedicação e sacrificio, que é o segredo das grandes victorias sociaes.

No caso do nosso Integralismo, é patente essa nova ambientação, de optimas consequencias. Deante do scepticismo e do opportunismo politico, que se espalharam por toda a parte durante a 1ª Republica, e que a democracia liberal, como hoje se diz ou as "convicções republicanas", como então se dizia, com as suas festas civicas, as suas plataformas politicas, e os seus discursos jacobinos, de quarenta annos de "democracia" junto á estatua do Floriano, só conseguiam agravar — veio o Integralismo trazer ás nossas lutas politicas um novo espirito. Isso que o outubroismo em vão procurou levantar, pois foi um movimento improvisado e sem unidade de espirito, não tendo em quatro annos de victoria conseguido ao certo definir os seus propositos, além do vago "ideal revolucionario", que ninguem sabe ao certo o que seja — conseguiu, em pouco, o Integralismo, em sua victoriosa ascensão, dos ultimos tempos, — alimentado esse espirito, não no poder, como o outubroismo, o que é sempre desastroso, mas na opposição ou, pelo menos, no ostracismo politico, o que é essencial para forjar as temperas fortes.

Esse ambiente de dedicação, de sacrificio, dessa vida heroica, enfim, que é condimento nietzscheano desse despertar das Direitas que Mussolini tem posto em fóco, de modo tão feliz, — é talvez a consequencia mais benefica do Integralismo para o espirito das novas gerações, que despertam do commodismo burguez e se offerecem por uma causa desinteressada, como seja a

purificação dos meios políticos e a defesa das instituições fundamentais da Nação Brasileira. E esse benefício é tanto mais de encarecer, quanto sabemos que não se trata de uma inclinação geral e inevitável, e sim de uma reacção de minorias decididas, contra o marasmo das maiorias egoistas e indiferentes, que só pensam em Freud, no Carnaval e... no Theatro-Escola "sexual" do Sr. Renato Vianna.

Pois bem, esse ambiente de entusiasmo, dedicação e heroicidade militante, que será a marca indelevel do movimento integralista nesta hora de abdicção que estamos vivendo e pelo qual lhe devem gratidão perenne todos os corações bem formados, — esse ambiente se apodera do catholico que ingressa no Integralismo. E vae exercendo sobre elle uma acção secreta, que póde levar ás mais radicaes transformações em sua vida interior.

Dominado por esse espirito de purificação moral, temperado pela oratoria inflammada das sessões, absorvido pelas tarefas de catechese politica a que se entrega, e alimentado diariamente pela necessidade de uma acção immediata, violenta e exterior, com risco de vida e a conquista do poder como ideal, não remoto mas a curto prazo, pois a revolução verde, e não a reforma branca ou cinzenta, é que se espera do movimento — nesse ambiente se processa, insensivelmente, um retrahimento da consciencia catholica ao contacto da consciencia politica.

A doutrina social da Igreja, com a sua constante accentuação da Liberdade junto á Autoridade, passa a ser uma fórmula mascarada de Liberalismo, pois na sua reacção contra o abuso da Liberdade chegam os theoreticos do Integralismo á suspeição contra tudo o que é Liberdade. A defeza que a sociologia catholica faz da Pessoa Humana, passa a ser um neo-individualismo pouco menos perigoso que o antigo.

A Acção Catholica é subrepticamente desprestigiada, como sendo uma acção inoperante e effeminada, que não attinge o mal em suas raizes e apenas em suas consequencias.

O respeito da Igreja pelos partidos politicos, dentro da sua posição extra-partidaria, passa a ser um opportunismo democratico intoleravel.

A Liga Eleitoral Catholica é franca ou disfarçadamente combatida, como anachronica e a participação de catholicos em partidos liberaes, considerada uma trahição ao verdadeiro catholicismo, que é anti-liberal por natureza.

A reserva dos catholicos ante o emprego dos methodos violentos de acção politica é posta á conta de covardia e commodismo

burguez. E a nossa preocupação de estabelecer os pontos de contacto e os de limite entre o catholicismo e o Integralismo, simples "literatura" deante do inimigo imminente.

Tudo isso que se murmura em certos meios integralistas contra os catholicos vae impregnando o catholico recém-convertido ao Integralismo e fazendo d'elle um reticente, e em pouco um critico das attitudes sociaes-politicas da Igreja. O Integralismo, a seus olhos, passa a ser o salvador da Igreja. Se elle não vier, a Igreja não resistirá á onda communista. Esse é o ponto central, por parte dos integralistas, das criticas á attitude politica dos catholicos, e mesmo da Igreja, que não se faz immediatamente fascista ou integralista. E se restabelece então aquella velha aspiração medieval do Santo Imperio Germanico, de ser elle a espada da Igreja, deixando a esta o recanto das funcções meramente sacerdotaes. Não vamos entrar aqui na querella das investiduras nem na theoria dos dois gladios. E observar apenas que data dahi todo o regalismo, tanto absolutista das monarchias do Renascimento, quanto liberal, como do nosso Imperio. E o regalismo, seja de que typo fôr, é a morte dessa exigencia que todos os catholicos devem ter gravada no fundo da alma como imprescindivel a todo bem estar social: a **Liberdade da Igreja**. Qualquer regimen politico que respeite e garanta a **Liberdade real da Igreja**, póde, nas condições actuaes ser apoiado pelos catholicos. Isso não é liberalismo politico e sim comprehensão do sentido implicito e explicito, da mensagem e da vida de Christo e da sua Igreja. Tudo mais é literatura, precipitação ou naturalismo. E o naturalismo catholico, não é menos condemnavel que toda outra negação da supremacia da ordem sobrenatural. Os catholicos, por exemplo, que julgam depender os destinos da Igreja na terra, da victoria do integralismo no Brasil, do fascismo na Italia ou mesmo do hitlerismo na Allemanha, estão fazendo naturalismo catholico. Os catholicos que vêm na Igreja apenas uma escola de ordem e disciplina social, estão fazendo naturalismo catholico. Os catholicos que julgam a Accção Catholica com desdém, por ser insufficiente e de resultados remotos, estão fazendo naturalismo catholico. Os catholicos que querem ligar os destinos da Igreja a uma classe social ou a um partido politico da esquerda, como as que têm pendores socialistas, estão tambem fazendo naturalismo catholico. Como o fizeram os catholicos-liberaes de ha um seculo ou os catholicos-absolutistas de ha dois.

Tudo isso é naturalismo catholico, pouco menos nocivo que o naturalismo agnostico da burguezia liberal, constituindo uma reaccção

insuficiente e errada contra o naturalismo materialista de Marx e Lenin.

Pois bem, é esse espirito naturalista que subrepticamente pôde invadir o catholico pouco preparado, ao ingressar em um movimento absorvente, como o Integralismo.

E começa, então, no seu peito, o processo de desligamento da Igreja, que se inicia por esse ar protector que tantas vezes affectam em relação á attitudo "fraca" da Igreja na ordem social; continúa por certo desdem de todas as realizações catholicas e pôde terminar por uma apostasia, que ninguem sabe até onde pôde levar.

Começam logo por accentuar, a cada momento, o que é, na Igreja, materia de fé e materia livre. E passam a obedecer strictamente ao Dogma, silenciando cada vez mais a reverencia devida ás orientações, não dogmaticas, mas disciplinares, da Igreja, em materia social e politica. Foi o que se deu com os catholicos da "Action Francaise", hoje em plena heresia "direitista", como ha trinta annos tambem em França se deu com os "catholicos democratas" do "Sillon", então em plena heresia "esquerdista", e é o que, entre nós, estamos vendo que pôde succeder, com todos os catholicos que, no Integralismo, não conservarem, de modo constante e actual, a preeminencia da sua consciencia catholica sobre a sua consciencia integralista.

Vêmos, praticamente, que muitos catholicos integralistas se afastam, não da Igreja (em sentido abstracto) ou dos Sacramentos, mas das autoridades da Igreja e dos proprios meios catholicos. Trocam logo o seu escudo marianno, franciscano ou da A. C. pelo escudo integralista (ou qualquer outro distinctivo politico). E passam então, por vezes, a assumir esse "ar protector", a que acima me referi, em relação á Igreja.

As autoridades desta são criticadas pela sua tibieza e pelo seu opportunismo. Os defeitos da acção catholica, entre nós, são logo exaggerados e proclamados. O commodismo e a indifferença dos catholicos (males reaes, que tantas vezes temos flagellado nestas columnas) são logo attribuidos, tanto á deficiencia da doutrina social e politica da Igreja, no momento actual, como ao espirito rotineiro e inactual dos seus dirigentes.

E o Integralismo assume, então, a seus olhos o character da "espada", protectora da Igreja, como nos tempos carolingios Aachen em face de Roma.

E os catholicos que não ingressam no Integralismo são considerados, logo, mãos brasileiros e, peor do que isso, "mãos catholicos".

Porque, praticamente, consideram o Integralismo como o unico movimento politico que reflecte o verdadeiro espirito da Igreja, a despeito da cegueira momentanea ou da prudência excessiva dos seus chefes e da covardia individual dos subordinados.

Essa infecção do naturalismo catholico integralista, que vimos tentando descrever em seus traços geraes, para possivelmente facilitar a sua prophylaxia em nosso meio — segrega, portanto, o catholico do seu meio religioso, deslocando-o para o meio politico. Troca o Corpo Mystico do Christo pelo Corpo Militar do Chefe. E o faz convencido de que vae defender aquelle melhor do que os que nelle ficam. Esquecido de que essa separação será a sua perdição, pois ninguem se desliga do Corpo Mystico de Christo sem perder a seiva vital catholica e passar, insensivelmente, ao espirito latente de heresia. Essa attitude "protectora", para com a Igreja, essa convicção de que fóra do Integralismo não ha salvação (politica), essa critica amarga contra a cegueira dos catholicos, que discutem futilidades bysantinas quando os barbaros rondam os muros de Roma, com os dentes aguçados e o appetite aberto, — tudo isso penetra no coração do catholico integralista, como um veneno subtil e imponderavel, que subrepticamente lhe vae arrancando o espirito sobrenatural e substituindo-o por um espirito naturalista, que relega o sentimento catholico para um canto da consciencia, tal qual o fazia o laicismo mais authenticamente "democratico-liberal".

E entra, então, nesse peito desamparado do espirito da Igreja, aquelle desdém pela attitude desta em face do perigo communista, que aos olhos dos sociologos reaccionarios não-catholicos é o unico que ameaça a Civilisação, que recebemos da Grecia, de Roma e da Igreja. Desdém pela contemporisação com o mal; desdém pela dubiedade de attitudes; desdém pela defesa da Liberdade e da Pessoa; desdém pela repulsa ao Estado Integral e Totalitario; desdém pelo corporativismo insufficiente e "liberal"; desdém pela recusa á violencia no ataque ao Poder; desdém pelas restricções que a Igreja faz ao autoritarismo exaggerado, como ha um seculo fazia ao liberalismo exaltado; etc., etc.

Tudo isso é materia de desdém para o catholico que, no Integralismo, não soube conservar intacta a sua consciencia catholica, que a tudo sobreleva, em qualquer circumstancia, quando devidamente comprehendida. Pois sabemos perfeitamente que essa supremacia da consciencia catholica não está, de modo algum, na exhibição do rotulo catholico, como tantos pensam ou fazem, e sim na comprehensão do espirito da Igreja que é, essencialmente e acima de tudo,

o espírito da Verdade e do Bem, embora sem o nome de catholico, que é sempre secundario e por vezes inoportuno.

Esse movimento de desdem, que o catholico imprudente deixou penetrar em seu coração, em face da attitude politica da Igreja, no seculo XX, depois que passou a considerar o Integralismo como a salvação unica para ella, na ordem politica brasileira (como o fascismo, na Italia; o hitlerismo, na Allemanha; a volta á Monarchia, na Hespanha, etc.) — é uma phase aguda e quasi desesperada dessa infecção naturalista, que vimos estudando. Se não fôr, mesmo nesse extremo, vigorosamente combatida e substituida, por uma clara consciencia da distincção dos dominios e da supremacia do Corpo Mystico sobre o Corpo Politico, está o catholico imprudente perdido para a Igreja e condemnado a uma apostasia, que póde não ser de nome, mas é de coração, o que é talvez mais grave e porventura irremediavel.

Não procurei esconder nada do meu pensamento. Este thema é tão grave que não admitte reticencias ou subentendidos. Dei o meu parecer por completo, em relação a esse mal gravissimo que é a lenta substituição do catholicismo pelo integralismo, nos catholicos que não souberam ou não souberem collocar o espírito da Igreja acima do espírito da Politica, por mais nobre que seja.)

Disse tudo e, portanto, não se veja em minhas palayras senão o que ellas contêm. Tenho pelo movimento integralista a mais viva sympathia, como tenho pelo fascismo e por toda essa moderna reacção das direitas, que mostraram a não inevitabilidade do socialismo. E, ao contrario, a possibilidade de reagir contra os erros da burguezia, do seu capitalismo e da sua democracia, sem o recurso á Revolução violenta e á dictadura do proletariado, a mais sangrenta e a mais estúpida a que se poderia chegar, para dar ás classes operarias a posição justa que amanhã vão ter na sociedade, em reacção contra a disfarçada escravidão em que o Liberalismo burguez as vêm mantendo.)

Não se dê, pois, ás minhas palayras nenhum sentido de hostilidade ao Integralismo, e sim de justificação á exigencia primacial a que acima me referi para todos os catholicos no movimento: a preeminencia da consciencia catholica sobre a consciencia politica.

Considero o integralismo, na ordem politica brasileira, um movimento, não só necessario, mas capaz de amanhã conquistar o poder. Não com essa rapidez que os seus chefes ou alguns entusiastas admittem ("dois annos", é o que muitos dizem) — mas em prazo não remoto.

Considero-o como a repercussão de um movimento occidental ou mesmo universal, e não como simples mimetismo de "camisas-verdes" e exteriorismo militar, e, portanto, em condições de vitalidade nacional verdadeira.

Considero-o como uma escola de dedicação e sacrificio, capaz de levantar o animo de uma mocidade, tão facilmente influenciavel pelo ambiente de negativismo politico, que até ha tempos dominou em nosso meio.

Considero-o, ainda, como uma reacção opportunissima contra muitos erros sociaes, economicos e politicos, que a dictadura da Maçonaria, em França, ha meio seculo, naturalizára brasileiros...

Mas, nada disso me leva a perder a serenidade, em face do problema, e a desconhecer as confusões de doutrina, os exaggeros sociaes, as adhesões suspeitas, as injustiças para com os catholicos e as graves ameaças que pôde conter para as consciencias mal esclarecidas e preparadas, para ingerir um hydromel tão capitoso.

Dahi a necessidade de estabelecer as condições de participação, que me parecem imprescindiveis, para que a cooperação necessaria não se transforme numa confusão perigosa. Não é, pois, uma condição superflua, e sim necessaria essa primeira, que estabeleci.

Quanto á segunda duvida que, para argumentar, levantei contra esta condição, a de ser descabida, tambem não procede.

Essa preeminencia da consciencia catholica não será nunca, para o movimento, qualquer fermento de indisciplina ou separação. Um catholico, que honestamente o queira ser, não se pôde nunca desintegrar desse Corpo Mystico de Christo a que pertence e que tem, como condição preliminar, a subordinação de todos os membros á Cabeça Commum da verdadeira Christandade, não apenas em materia de preceito, mas ainda nas de conselho. Qualquer que seja o sentido do juramento de fidelidade prestado ao Chefe e aos superiores do movimento integralista, não pôde elle nunca prevalecer contra as promessas do baptismo e da confirmação, contra os laços que os sacramentos estabelecem, e contra a disciplina social da Igreja.

Se o Integralismo é realmente, como parece, um movimento politico sadio de defesa dos direitos de Deus, da Patria e da Familia, — então só pôde desejar que os catholicos do seu movimento não sejam apenas catholicos nominaes ou catholicos naturalistas, e sim homens que, em tudo, defendem a supremacia do sobrenatural e da revelação, sobre a natureza e a razão. E, nesse caso, devem que-

rer a supremacia da consciencia catholica, que é o todo, sobre a consciencia politica, que é uma parte.

Agora, se essa preeminencia fôr julgada attentatoria á unidade do movimento ou á disciplina de accção — será signal que o termo **integralismo** é synonymo de absolutismo politico, de Estado-totalitario e, portanto, de negação da liberdade da Igreja e da supremacia da ordem sobrenatural, — o que não póde um catholico acceitar, em hypothese alguma. Os destinos da Igreja transcendem a qualquer movimento ou partido, como a qualquer Imperio, a qualquer Classe, e a qualquer Revolução. E é por isso que a defesa dos principios não é bysantinismo, e sim garantia de intangibilidade, de saude e de resistencia ao mal e ao erro. A Igreja perdeu o Oriente Bysantino por causa de uma palayra theologica, como perdeu o Imperio Britannico, por causa de um principio moral. Não ha-de ser em face da barbaria sovietica, que ella vae cahir no liberalismo social, fechando os olhos ás confusões dissolventes de seus principios e anarchisadoras da sua disciplina social.

A preeminencia, pois, da consciencia catholica sobre a consciencia politica é uma consequencia da supremacia dos principios, que tanto na ordem especulativa, como na ordem pratica, vem a Igreja pregando invariavelmente ao longo dos seculos e das tremendas vicissitudes que tem encontrado.

Esta primeira condição, portanto, da participação dos catholicos no Integralismo, não é superflua nem descabida, e sim indispensavel.

Vejamos, da proxima vez, as demais.

O ASYLO DO BOM PASTOR (1)

AFFONSO PENNA JUNIOR.

Minhas senhoras:

Circunstancia de ordem pessoal valeu-me, ao que parece, a honra e prazer desta palestra de encerramento da campanha pelo Asylo Bom Pastor. Uma de minhas irmãs, é ha 16 annos, Irmã do Bom Pastor; e os promotores da campanha talvez esperem que a ultima conferencia tenha o calor de quem fala pro domo.

Mais de uma vez, tenho pensado que, da casa paterna, foi esta irmã a que, no dizer do Evangelho, escolheu a melhor parte, — **optimam partem elegit** —; e, de quando em quando, invade-me a alma uma santa inveja do seu gesto heroico.

Mas, pobre de mim! No fundo, bem no fundo da consciencia, bem sei que essa inveja é muito parecida com a que sentimos de exploradores das regiões polares, ou de desbravadores de sertões bravios, quando estamos a lêr, no regaço de uma rêde, cercados de todos os confortos e mimos da civilização, a empolgante descripção de suas tremendas aventuras...

Confesso, tambem, que tenho um doce orgulho desta minha Irmã do Bom Pastor; confissão desnecessaria á finura (para não dizer malicia...) da nobre assistencia, pois todo este remanchado introito é prova provada de tal orgulho.

Somos todos, mais ou menos, assim, os degredados filhos de Eva.

Nenhum de nós admitte a reversibilidade da culpa; e não ha vendade mais verdadeira, para todos nós, do que a desta maxima: "A responsabilidade e a pena não passam além da pessoa do delinquente". Assim, quando o caso é de ruindade ou de infamia, o regime é o de "cada um para si, e Deus para todos".

Soffra cada qual, isoladamente, a consequencia de seus actos.

Quando, porém, se trata de santidade ou heroismo, todo o grupo familiar se solidariza com o santo ou o heróe, e procura illuminar-se aos raios da sua gloria. Ahi, o patrimonio é commum, é de

(1) — Discurso pronunciado na sessão de encerramento da campanha em favor do Asylo Bom Pastor, no Casino Beira-Mar, pelo Dr. Affonso Penna Junior, ex-ministro da Justiça.

todos; e até remotos collacteraes são chamados á collação, para lustre da familia... Como vêm, estou pagando meu tributo a este achaque, tão espalhado, do rebanho humano. E, para lhes dizer toda a verdade, elle é em mim tão arraigado e violento, que chego ao ponto de esperar que os saldos desta minha Irmã nos livros da escripturação divina possam ser lançados na minha conta, terrivelmente deficitaria, e servir ao resgate de meus peccados.

Mas... se ella estivesse aqui, ao meu lado, interromper-me-ia, estou bem certo disto, com a franqueza, bem humorada, e a direitura, que são o cerne de seu character: "Basta de sentimentalidades sobre a minha pessoa. Eu sou apenas uma irmã, como milhares de outras, do Bom Pastor. Fale sobre a obra do Bom Pastor. As pessoas de nada valem; o que vale é o serviço de Deus. Fale desse serviço, e convoque para elle as boas vontades dos que te ouvem".

Obedecendo a esta voz amada, entro na missão, que aqui me trouxe.

* * *

Encimando os prospectos desta campanha pelo Bom Pastor, lêem-se as palayras — Deus, Patria, Familia —, palayras que têm, para mim um som commovedor, ancoradas na memoria de meu coração, como as ultimas que ouvi dos labios paternos.

Os sentimentos que ellas exprimem são os mais nobres habitantes das almas; são os luzeiros, são os resplendores das almas.

Almas em que essas palayras se tornam domesticas, em que esses sentimentos deitam fundas raizes, são as illuminadas e gloriosas.

Almas, em que aquellas se apagam, e estes se desvanecem, são escuridões e desertos moraes. Pois bem. A obra abençoada do Bom Pastor, obra fundada por Santa, e impregnada de Santidade, se resume nisto: acolher, asylar as almas desertas e escuras e reacender nellas os tres sublimes pharóes: Deus, Patria, Familia. Em algumas dellas, estas palayras são como de lingua estranha, e nada significam. O asylado é criança sem lar, ou cujo lar era inferno e, nelle, o sentimento divino tão apagado, que se diria ausente. Em outras, os vendavaes da má sorte sopraram tão de rijo, que as tres lampadas do santuario, acessas de fogo celeste, se reduziram a fagulhas, se de todo não morreram. O asylado é a mulher desgarrada, perdida, delinquente, até, para cujas desolações, não ha Deus, não ha Patria, não ha Familia.

Mas, não ha desolação, por mais desolada, que supere a caridade de um Asylo Bom Pastor. Confiadas naquelle que proferiu na terra as palayras consoladoras de vida eterna, confiadas naquelle que

é "caminho, verdade e vida", confiadas em NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO, as piedosas Madres do Bom Pastor, encetam, corajosa e pacientemente, a obra de preservação e de regeneração.

Ellas bem sabem que não ha doente d'alma desenganado; que o fóco central da criatura humana, lume divino que é, não se extingue, nunca, de todo; que ha sempre, ali, fagulha que, bem soprada, pôde chamejar, e fazer-se incendio. Ellas conhecem, do muito e muito palmilhar, todos os atalhos e rodeios do coração humano, em que tantos rodeios são atalhos; todos os meandros desse inextricavel labirinto, que é o coração humano.

E ei-las, a todo o alento da Caridade, debruçadas sobre esses pobres frangalhos d'alma, sobre essas enregeladas almas de naufragio, no esforço de reacendel-as e reavival-as, no anseio de reimantar essas bussolas desnorteadas, orientando-as, de novo, para Deus, para a Patria, para a Família.

O' se pudessem falar os recintos dos quatrocentos asylos Bom Pastor, espalhados por toda a face da terra!

Quantos e quantos prodigios de regeneração; quantos e quantos milagres de santificação, poderiam narrar!

E, a custa de quanta solitudine, de quanto devotamento, de quanto sacrificio!

Só a verdadeira religião, a sêde verdadeira de salvação das almas, é capaz de tamanha doçura, paciencia e piedade, para tamanha miseria e depravação. A sociedade, como mar em furia, atira, sem cessar, aos asylos Bom Pastor, a sua escumalha, a sua salsugem. E as nobilissimas filhas de Santa Pelletier não cessam tambem o immenso trabalho de purificação, a poder de exemplo, de preces, de infinita caridade.

As almas, que assim se salvam, são almas de mulher, isto é, sao almas capazes de salvar, e destinadas a salvar outras almas. Porque o mundo se perde, e se redime pela mulher. Caido em Eva, elle se levanta no Ave da annunciação angelica, como observa um dos ingenuos trocadilhistas do seculo dezesete.

De modo que as victorias dos asylos, neste bom combate da salvação das almas, devem ser contadas, pelo menos, em dobro, dada a multiplicação do beneficio inicial e directo.

E' a uma obra dessa magnitude e importancia, Senhores e Senhoras, a essa obra material e moralmente tão bemfazeja, que estamos consagrando esforços destinados a esplendido exito.

A campanha deste anno pró-Asylo Bom Pastor encerra-se hoje. Mas encerra-se, como se fecha sobre a semente o sulco da sementeira: para que prosiga, em silencio e pela sombra, o trabalho mais vis-

toso, e de mais ruido, com que, no curso destes ultimos dias, procuramos attrahir a attenção e vencer a indifferença.

Nenhuma obra destinada a crescer de verdade, e a durar, pode ser feita de arranco e sobresalto. Ha de entrar, sobretudo, nessa feitura, a energia paciente e constante, de que a natureza nos dá exemplos sem numero nas suas grandes forças constructoras.

Contando como os fidalgos inglezes, partidarios de Carlos I, empenharam joias e fundiram baixellas, para valerem á sua causa, Macaulay observa que a experiencia veio provar, mais uma vez, que enthusiasmos dessa natureza não se comparam, como fonte de recursos financeiros, a uma tributação organizada e methodica.

E tambem nós brasileiros, movidos da mais pura das intenções, já tivemos a illusão de pagar, com as joias de familia, a divida externa do Brasil. Oxalá se fizesse constancia desse enthusiasmo, e se pagasse de coração alegre o imposto com que a Patria honra seus compromissos!

Trabalhemos, pois, pelo Bom Pastor, por todos os meios e modos, em todo o curso do anno. Nas commissões patrocinadora e executiva desta campanha, vêm-se pessoas do mais alto e merecido prestigio, cuja larga influencia se pode exercer, dentro e fóra dos circulos officiaes, para que os Asylos Bom Pastor tenham no Brasil a missão e recebam o amparo que lhes são attribuidos e dispensados em paizes menos religiosos do que o nosso.

Um protestante, o grande President e Theodoro Roosevelt, no momento em que os Bom Pastor eram autorizados a funcionar nos Estados Unidos, pode dar-lhes, de publico, solemne testemunho de estima e gratidão.

“Esta instituição — escreveu elle — se filia a crença, que não é a minha. Mas nada me deu, até hoje, maior prazer do que assignar o decreto que lhe confere seus direitos, e vae proteger sua acção bemfazeja”.

Que não diremos, e faremos, então, nós catholicos, para quem a actividade espiritual do Bom Pastor vale muito mais que a material; para quem a Instituição não é de philantropia, mas de caridade?

Lembremo-nos, por exemplo, de que uma taxa municipal de asylo de 5\$000 por predio, á disposição do juizo de menores, poderia render para mais de mil contos de réis, e mitigar e consolar grandes miserias. E mettamos empenho em que esta idéa, ou alguma melhor, se torne realidade no anno que vem. Será o fructo opimo desta bella e generosa campanha de 1934.

COMO PODE A SOCIOLOGIA CONCORRER PARA A REFORMA CHRISTÃ DA SOCIEDADE (1)

MARIA DE LOURDES GOMES.

Humano e divino, no campo da acção social como na vida individual, não se opõem, não rivalisam, antes completam-se e harmonizam-se na unidade grandiosa de um só plano de Sabedoria infinita, de uma só Verdade integral. Tal é a conclusão luminosa a que nos conduz a doutrina thomista, doutrina de um Mestre que foi a synthese viva de sua propria theoria: homem perfeito, no equilibrio de sua vida intellectual levada até as culminancias do genio, como na vida sobrenatural, generosamente alçada até o heroismo, pois Santo Thomaz de Aquino viveu, por assim dizer, a sua philosophia, antes mesmo de a ter escripto.

E a Igreja, que sempre sanccionou com a sua autoridade a sciencia philosophica do grande Dominicano, sempre nos mostrou, através dos seculos, nos exemplos de muitos dos seus filhos e em toda a sua attitude, o mesmo respeito pela razão humana, collocada dentro da ordem, affirmando tambem a possibilidade pratica de uma alliança cada vez mais estreita, entre a Verdade revelada por Deus ao homem, e a Verdade laboriosamente adquirida pelo homem, que se eleva no estudo da realidade universal, obra do mesmo Deus.

Dentro destes principios geraes, enquadremos agora a nossa these: como poderá a Sociologia concorrer para a reforma christã da sociedade?

De um lado, uma sciencia pratica; do outro, um ideal baseado na Fé; no centro, um mesmo objecto, prendendo-se a estes dois extremos: a sociedade. De um lado, o homem que aprofunda a realidade social; do outro, o apostolo, transbordante de vida divina, que em contacto com esta mesma realidade social, quer transformal-a e aperfeiçoal-a. Não é evidente que a collaboração entre ambos, e mais ainda a sua fusão numa só personalidade será eminentemente util, dese-

(1) These apresentada em prova parcial, na Cadeira de Sociologia do Instituto Catholico de Estudos Superiores, e classificada com grão 100.

javel até? Pois o resultado será semelhante a estes magníficos efeitos de electricidade que o progresso moderno obtém, concentrando sobre o mesmo objecto dois fôcos luminosos, de côres diversas, porém, participantes, ambos, da mesma natureza da luz.

Analysemos, no entanto, o "como" desta bemfazeja alliança.

Descendo ao terreno dos factos, iremos logo verificar que a Sociologia, communicando ao reformador social uma visão clara das homens e das coisas, ser-lhe-á de uma utilidade immensa.

Nada podemos reformar ou aperfeiçoar, de que não tenhamos um conhecimento exacto. E quanto mais lucido e profundo fôr este conhecimento, tanto mais efficaz ha de ser a realização desejada. Um exemplo concreto: queixam-se por todos os lados, entre nós, da desordem e inefficiencia dos methodos de ensino e educação. No entanto... reformas não faltam! Mas em todas ellas, falta uma só coisa, talvez, porém, e o essencial: o conhecimento real, intimo, da natureza humana em geral, que é o objecto da pedagogia, e da nossa realidade brasileira, pobre coitada, torcida e retorcida por um sem numero de theorias que a ella se veem ajustar, querendo adaptal-a á força, como a um leito de Procusto... O mesmo se pode applicar a qualquer especie de reforma social, seja ella inspirada ou não por um ideal catholico; sem o conhecimento exacto do terreno, nada de bom, nada que permaneça se conseguirá plantar.

Tanto isto é verdade, que todos os directores de obras sociaes catholicas, começam, logo de inicio, comprehendendo a necessidade de estudarem de perto o campo onde desejam trabalhar, e acabam, por força do officio, sociologos- amadores, quando não de nome. de facto. Ora, se a esta necessidade primordial, instinctiva, de aprofundar o meio onde se quer agir, vem accrescentar-se, já adquirida, a base solida de um methodo scientifico, firmado em principios esclarecidos, quantas hesitações, quanto trabalho inutil e até mesmo vicioso, pode ser evitado!

E se considerarmos, cutrosim, que a Sociologia não desdenha de modo algum esta applicação dos principios elaborados, pois que não é uma sciencia especulativa, mas uma sciencia pratica, que visa conhecer para realizar; e se a nossa concepção christã de sciencia colloca-se em harmonia perfeita com o plano superior da Fé, que inspira o reformador catholico, havemos de concluir que esta cooperação não é tão sómente util, mas perfeitamente logica, e dentro da propria natureza das coisas.

Mas a sciencia social vae mais adeante, ainda. Apreciando-a naquelle proprio que a ella se consagra, vemol-a despertar, formar e

cultivar no observador social, qualidades preciosas para um apóstolo da Accção Catholica: capacidade e argucia de observação... o tacto que exige um inquerito social... a paciencia de saber esperar para concluir, mais necessaria ainda em tal materia, do que nos outros ramos da sciencia... o equilibrio que suppõe a obra delicada de reunir os elementos esparsos da observação para construir com elles o edificio da realidade social, sem interferencia alguma de pontos de vista pessoais ou sentimentos proprios, numa imparcialidade absoluta, isenta de todo subjectivismo. A profundeza de espirito que deve possuir quem tem por missão desvendar, através da apparencia move-dica dos factos, o que elles encerram de verdade, quasi sempre tão diverso do seu aspecto superficial. E tudo isto não será immensa-mente fecundo numa alma generosa, possuida por um grande ideal?

Quantas vezes a impetuosidade do zelo nos arreбата, arriscan-do-nos a comprometter todo o fruto da accção! ! Quantas vezes um juizo errado, uma conclusão apressada, uma falsa interpretação dos acontecimentos, são causa de muita perturbação no campo do apos-tolado catholico... Se o enthusiasmo activo dos que erram com boa vontade estivesse protegido, encerrado nos seus justos limites pela disciplina intellectual e moral do verdadeiro sociologo, converter-se-ia nestas torrentes, cujas ondas desencadeadas em lugar de atirar-se loucamente pelos penhascos a fóra, produzem maravilhas de energia, quando captadas e dirigidas por um machinismo conscientemente or-ganizado.

Passemos, agora, ao argumento dos factos: elles nos mostram que os melhores sociologos, quando possuidos por um ideal de apos-tolos, tornam-se os melhores reformadores sociaes, excepção feita, devidamente, para os casos extraordinarios de missões sobrenaturaes, que não cabem no ambito do presente assumpto. Dentro do caminho normal das coisas humanas, exemplos concretos e bem actuaes, po-deriam demonstrar a affirmação.

Mas ainda não é tudo. Mais um passo adiante, e penetraremos talvez, no intimo da questão.

Não será em virtude da propria natureza de seu objecto, que a sciencia social se converte em auxiliar preciosa da Accção Catholica? e isto, plasmando, não apóstolos, porque é obra humana e só a Fé pode criar apóstolos, mas, ao menos, a materia adequada, prompta para transformar-se no christão irradiante de zelo, quando informada e animada por um grande e divino ideal.

Quem não terá reparado que as sciencias costumam formar, na

alma daquelles que a ellas se dedicam inteiramente, uma psychologia propria, especial?

E a sciencia, em geral, tambem possui a sua mentalidade peculiar. Todo o sabio digno deste nome, é, quasi sempre, um humilde, um simples, um idealista fervoroso. Na sua luta em busca de uma parcella do real, torna-se nobre victima, muitas vezes, dessa sublime altivez da Verdade, que só se entrega a quem sabe ama-la, como o merece, collocando-a acima de si proprio, numa completa abnegação.

No entanto, o homem que cultiva as sciencias experimentaes, denomina ainda, de certo modo, a Natureza, provoca a produção de phenomenos, obrigando-os, quasi, a desvendarem os seus segredos. O mathematico, baseado em numeros, convenções humanas, desenvolve argumentos, tira conclusões luminosas; por toda a parte, é o reino da evidencia, da rigorosa precisão, até o ponto em que tambem a Mathematica, aprofundada até em derradeira analyse, com o ponto terminal de toda a sciencia: o mysterio.

E até mesmo a Historia, sciencia do passado, daquillo que já se não pode mais transformar nem modificar, offerece aos pesquisadores um campo mais aberto á iniciativa pessoal, á consciencia do proprio esforço, do que a Sociologia, que é sobretudo a sciencia do presente, e de um presente que se desdobra em torno do homem, o maior enigma do mundo visivel.

Em quasi todos os ramos da sciencia, pois, o sabio, não sendo apenas um mero observador, aufero do seu trabalho, mais do que o prazer da pesquisa, a intima satisfação de causar, de realizar. A sua dependencia do real é profunda, sim, porém, se a Verdade o domina com toda a tyrannia de sua objectividade intangivel, elle pode, ao menos, obrigar-a de algum modo a se approximar.

Na sciencia da sociedade, diminuo a parte activa do homem em favor da soberania do real; o sociologo, inteiramente subjugado pelo facto, deve resignar-se a ir ao seu encontro, onde quer que elle se ache, e a esperal-o pacientemente para terminar as suas deducções. Como homem, poderá desenvolver uma acção social transformadora, mas em nada differente daquella que um outro qualquer realizaria, nas mesmas condições; como sapio, não produzirá nunca, artificialmente, um só facto social. E depois da inteira dependencia que esta situação condiciona, depois da paciente analyse de um inquerito social, irá o pesquisador attento e apaixonado, attingir enfim conclusões rigorosas, leis absolutas que immortalizem o seu nome com a aureola de uma descoberta?

Um sorriso divertido acolhe tal perspectiva... Imaginem o so-

ciologo, arvorado em propheta dos tempos futuros, em nome do facto social presente, com a mesma certeza mathematica com que o physico ou o chimico annunciam que tal causa, em determinadas condições, produzirá tal effeito! Em todo o caso, é bom conservar um pouco o sério, porque já houve quem esperasse este resultado em materia de sciencia social. E contam-se as prophecias temerarias que a Historia, irreverente, encarregou-se de desmentir.

Sobre qualquer estudo social para a sentença do grande Mestre: "nas coisas humanas não pode haver provas infalliveis; porém, basta alguma probabilidade conjectural". Probabilidade, no entanto, digna de todo o esforço de analyse e de procura, pois que pode servir de base a uma prudencia social.

Retomemos, porém, o raciocinio interrompido: se todo o sabio digno deste nome é, necessariamente um homem que ama a Verdade mais do que a si mesmo, a ponto de não poupar sacrificios para' adquiril-a, dentre todos os sabios, não será talvez o sociologo, o mais dedicado, o mais incondicionalmente servo desta mesma Verdade, que em retribuição de uma dependencia completa, impessoal, e de uma renuncia ás satisfações mais legitimas do trabalho scientifico, a elle se entrega com tanta parcimonia, que nem sequer reveste o aspecto seductor da certeza?

Eis porque o sociologo, o mais humilde, o mais albnegado de todos os amantes da soberana e altiva Verdade scientifica, tendo concentrado, no mais intimo dalma, o immenso thesouro de energias que produz o esquecimento de si proprio, será tambem o mais incansavel apostolo da Verdade religiosa, quando illuminado pelo ideal da Fé... e saberá, mais do que nenhum outro, servir, collocando-se a disposição das almas sedentas de luz.

No entanto, com certa razão haverá, talvez, quem esteja a admirar-se de que uma sciencia tão laboriosa, e de apparencia tão austera, possa inda despertar vocações... E' uma impressão justificada, se nos collocarmos apenas no terreno um tanto árido da methodologia scientifica. Mas, se nos volvermos para a nossa propria psychologia e para a observação quotidiana, veremos que todo ser humano é, por natureza, irresistivelmente attrahido ao campo onde se desvenda o panorama social.

Não é o facto social que percorre as ruas e as columnas dos jornaes, discutido, commentado, torturado até, embora, mas em toda a parte acolhido com o mesmo interesse, que nada mais é do que o instincto social do homem, que apesar do seu egoismo, encontra sem-

pre um éco, dentro de si mesmo, que responda á vida e ao pensamento de outros homens?

E, se outras sciencias valem por si, a ponto de fazer vibrar em ansias de conquistas, intelligencias privilegiadas que a ellas se dedicam, neste afan de desvendar os mysterios do real, anterior a toda a idéa de applicações praticas possiveis, parece-me que a Sociologia, na modestia de sua posição, encerra um character que a eleva bem alto, numa ascensão sublime, sobejamente compensadora de todos os esforços e de todas as lacunas inevitaveis.

Esse character decorre da propria essencia de seu objecto. Não é no isolamento silencioso dos laboratorios, nem em contacto com a Natureza, eloquente, embora, em sua mudez, que se irá elaborar a sciencia social. O seu laboratorio, vasto como o mundo, é toda a humanidade, com suas miserias e seus heroismos, com suas dôres e alegrias... E neste contacto frequente com a realidade social viva, pouco a pouco se vae desenvolvendo a mentalidade profundamente humana do verdadeiro sociologo.

Profundamente humilde em sua dedicação á Verdade, profundamente humano em toda a sua personalidade, não será esse o typo, senão perfeito, ao menos esboçado em seus traços principaes, de reformador social catholico?

Ainda um titulo de gloria, de que se ufana com justiça a Sciencia integral, é que ella conduz, sem desvios, ao Principio Supremo de todas as coisas, ao Infinito, a Deus.

Este Infinito Criador, viam-no Newton e Kepler, nas leis imutaveis que governam o curso dos astros, via-o Pasteur nos segredos da biologia, como hoje o reconhecem e adoram Marconi e Thomaz Moreux.

Deus, porém, que em todas as coisas encerrou vestigios de sua eterna Sabedoria, um ser, apenas, no mundo visivel, criou á sua imagem e semelhança; cumulou-o de beneficios, e o tornou objecto de sua Providencia incomparavel.

E é em toda esta immensa realidade social, coberta de apparencias, que se desvendam as maiores maravilhas do Governo divino. No imprevisto que desafia os calculos mesquinhos do homem, no milagre authenticico, a suavisar sob todas as formas as dôres humanas, e, sobretudo, no perenne prodigio social que é a existencia da Igreja, alvo de todas as lutas e perseguições, atravessando os seculos, na unidade indivisivel de seu Dogma, e no esplendor incontestado de sua

Santa Liturgia; em toda uma série de pequeninos acontecimentos, inexplicaveis sem uma Providencia Infinita, e até mesmo no incomprehensivel, no mysterio das calamidades individuaes e sociaes que escandalizam a fraqueza de nossa razão, quantas vezes não sentirá o observador social, a Presença invisivel que nos envolve e penetra com a sua Immensidade!

E' o que significa a phrase paradoxal do Rev. Pe. Matteo, o apostolo da Intronização: "Santo Padre, não tenho mais Fé! Porque, para tel-a, é preciso crer sem ver, e eu vejo todos os dias!"

E onde via, senão no proprio facto social, observado e conhecido através de sua valiosa experiencia de Sacerdote?

Profundamente humano, em virtude mesmo do objecto de sua sciencia, o sociologo será pois, de todos os sabios, aquelle que anda mais perto de Deus.

Entre Deus e os homens, a unil-os por um laço de caridade, não é tambem a posição tão bella do apostolo, de todos aquelles que procuraram ou procuram ainda agir sobre a sua época, e transformal-a com a alma renovadora do ideal christão?

Entre Deus e os homens, não é tambem a posição da Igreja, sociedade sobrenatural tão humana quanto divina?

Eis ahí, portanto, como a Sociologia, em razão de sua propria natureza, e sem deixar um só instante o logar que lhe compete, pode tornar-se uma auxiliar preciosa da Acção Catholca, despertando apenas e desenvolvendo no homem, a base daquella vida interior que lhe ha de assegurar a fecundidade da acção exterior.

Seria interessante, outrosim, analysar, no proprio campo da actividade social, o mecanismo intimo desta cooperação, e apreciar os resultados da cultura scientifica social na actuação daquelles que se dedicam ás diversas obras catholicas.

Interessante, sim, mas certamente superfluo para muitos dos que já militam na Acção Catholica.

Pois, que argumento será mais forte nesta materia, do que a experiencia daquelles mesmos que trabalham, estudam e agem?

"A ignorancia", como disse alguém, "não autoriza a negar. Mas a experiencia, esta sim, dá o direito de affirmar".

E' para essa preciosa experiencia que appello, ao terminar esta série de considerações de quem invade, pela primeira vez, um terreno alheio, com muito medo de pisar em falso. Experiencia, sobretudo,

do Mestre que nos guia com o exemplo e a palavra, e que melhor do que ninguém saberá dizer-nos como pode a Sociologia concorrer para a reforma christã da sociedade.

I. C. E. S. — Em 8 de Setembro de 1934.

RESUMO.

I — **Princípio geral:** — Sciencia e Revelação são dois aspectos de uma só Verdade integral.

Deducção: — A sciencia social, que resulta do esforço do homem, e a Acção Social Catholica, inspirada pela Verdade religiosa, devem coincidir e harmonizar-se na ordem pratica, pois ambas teem como objectivo a sociedade, e a verdade social só pode ser uma.

II— **Como se realiza a cooperação:** — A Sociologia:

a) fornece ao apostolo os primeiros elementos para acção: visão clara dos homens e das coisas, conhecimento exacto do campo onde vae trabalhar.

b) desperta e cultiva no observador social qualidades proprias do militante na Acção Catholica.

c) cria no sociologo uma mentalidade especial, inteiramente favoravel a receber e a fecundar um ideal catholico de reforma social.

A REFORMA CRISTÃ DA SOCIEDADE (1)

ANTONIO GABRIEL DE PAULA FONSECA

1) CARACTERIZAÇÃO DO ESPIRITO DE NOSSO TEMPO

Hoje, quando a civilização parece exgotar as suas incontáveis possibilidades imaginadas, apresenta-se, diante dos homens que pensam e sentem, um problema angustioso, cuja intensidade dramática ultrapassa todas as experiências anteriormente vividas.

E' a restauração da antiga harmonia da sociedade humana, mysteriosamente abalada nos segredos de sua força de coesão e do seu admiravel equilibrio.

Um fatalismo tragico persegue a obra-prima da criação, o Homem, para quem o mundo moderno creou o supremo paradoxo de viver o gozo de todas as suas conquistas, excepto a razão pela qual ellas tinham sido empreendidas: a felicidade terrena. E essa surpresa parece ter irremediavelmente envelhecido a humanidade.

"Aos trinta annos, o homem tem uma alma velha" — disse Pierre Jean Menard. E realmente; a impressão que se tem do organismo social presente, dos seus males incessantes, de certos de seus "lados" em decomposição franca, é a mesma que nos infunde a velhice humana quando, por uma predestinação biologica do sêr, vão cessando as forças vivas da materia e a decrepitude se desenha, nessa melancolia caracteristica de todos os occasos.

Ahi, nada está bem, como nada surte o effeito desejado, nada corresponde á expectativa; tudo falha, tudo desillude ou degenera, tudo se annulla, ante o invencivel rythmo de perfeições decrescentes.

No chaos ideologico moderno, a civilização parece que soffre o mal de ter perdido o senso de finalidade que a guiava outróra; é, aliás, o que sente Spengler quando compara o organismo social humano ás sociedades "afinalisticas" (com perdão do barbarismo) das orchideas e das borboletas, e o que faz Jacques Grenoble exclam-

(1) These apresentada em prova parcial da cadeira de Sociologia do Instituto Catholico de Estudos Superiores. e classificada com gráo 100.

mar que a nossa civilização é "uma civilização sem alma, porque é uma civilização sem fim"...

Essa despreocupação de uma finalidade é hoje apenas aparente, porque todos os pensadores sentem que a face externa do espirito moderno é o sorriso que occulta a inquietação e o temor de alguma cousa que não se sabe exactamente o que é. O "dessous" da consciencia social contemporanea, todos o adivinham, está sendo corroído por uma angustia inapplacavel e profunda.

Qual a razão desse estado de espirito?

Apenas isso: o desabamento completo de todas as columnas, principaes e accessorias, que sustentavam, ha varios seculos, o edificio do pensamento humano.

O ponto de partida dessa inquietação actual foi, indiscutivelmente, a Grande Guerra, que veio revelar a fragilidade a que chegara todo o systema de relações humanas, em todos os seus aspectos, quer intellectuaes, quer moraes. A catastrophe de 1914 foi, porém, apenas uma consequencia. Sou daquelles que não acreditam no determinismo brutal das forças sociaes; e, para mim, se as ideologias que inspiravam a evolução da sociedade do seculo XIX fossem outras, se tivesse havido um plano de reacções orientadas contra os factores de corrupção social que minavam os alicerces de todas as construcções; se os homens, levados num sonho de grandeza, não tivessem ficado surdos aos appellos de alguns illuminados, por certo que não teria sobrevindo a Grande Guerra, esse desenlace apocalypticico de uma época tão povoada de risonhas esperanças para o futuro dos homens, como todos pensavam ao se iniciar o anno da graça de 1900...

Porque a vida era, então, doce e suave de ser vivida...

As sciencias progrediam, descerrando ao mundo, se tudo assim continuasse, as mais seductoras perspectivas para a perfeição da creatura humana, a quem todos os segredos da Natureza se vinham magicamente desvendar. A arte era placida e harmoniosa, porque traduzia um estado de espirito cujos relevos fundamentaes eram a quietude do momento e a confiança no futuro.

Latour, em França; Watts, na Inglaterra, ficaram como depoimentos coloridos dessa grande calma que precedeu a tempestade a que estamos nós, hoje, assistindo.

O parnasianismo, pelas "fleurs malades" de Beaudelaire, cantava na famosa "Invitation au voyage":

"La tout n'est qu'ordre et beauté
Luxe, calme et volupté..."

Era a celebre ideologia burgueza dos homens e das cousas...
 "Luxe, calme et volupté"...

Ainda ha pouco, Michel Gorel, num livro sobre a vida de Adolph Hitler, dá uma imagem verdadeiramente preciosa sobre a Vienna dos fins do seculo XIX, e que é uma reprodução do que seriam tambem Paris e Berlim, Londres e Moscou, e, por conseguinte, tudo quanto na velha Europa representava a aristocracia das civilizações, e cuja decadencia deante da seriedade da vida vem revelar os traços d'alma caracteristicos desse fim de era, cheio, aliás, de extranha seducção:

"Le soir, en ouvrant sa fenêtre, il (Hitler) pouvait entendre monter vers lui la rumeur géante de la ville de Joie. Au loin il pouvait voir tourner la grande roue du Prater, bouquet crépissant de feux. Le vent lui apportait des bouffées de rires féminines, de ces jolis rires viennois, a la fois canailles et tendres. Du haut de sa mansarde, il regardait des essaims de caleches, de cabriolets, de chars-a-bancs se diriger vers les restaurants étincelants de banlieue. Les sabots légers des chevaux chantaient sur le macadam. Parfois les illuminations géantes du Schoennbrunn striaient le ciel a l'Est. Ou bien c'était la fête nautique sur le Danube et alors c'est de l'Ouest que s'envolaient qu'allaient cogner dans la nuit les raquettes, les serpents de flammes, les feux de Bengale. Mille orchestres viennois, tziganes, roumains, roucoulaient dans les rues. On faisait l'amour. On ne pensait pas au lendemain. Derniers jours de la Vienne heureuse! Un monde nonchalant et frivole de lieutenants ruinés et jouiveux, de cocottes instruites, de rapins romantiques, de litterateurs je m'en-foutistes grouillait... tandis que l'Empire s'acheminait gaillardement vers l'abime et que le vieil Empereur dont le destin avait impitoyablement décimé la famille, se consolait dans les bras de jeunes danseuses pépiantes. On entendait les cochers ivres chanter sur leurs sieges, a l'unisson avec les clients"...

E', como se vê, o mesmo que Kurth descreve quando trata da decadencia do Mundo Romano, na sua monumental obra, "Les origines de la civilisation moderne":

"Cette religion (du plaisir) était universelle; grands et petits la pratiquaient avec la même devotion, avec le même oubli des intérêts superieurs de l'individu et de la société."

A morte das civilizações resplandescentes se processa sempre pelo esquecimento voluntario dos deveres moraes.

Assim pereceu a civilização arabe, prodigio de vitalidade e de expansão, cujo Imperio caminhára do Mar Vermelho ás Columnas

de Hercules; assim Roma das Legiões, a Urbs Orbis, depois de 12 seculos de incomparavel esplendor territorial, militar e intellectual, civilizações que, na época do proprio fastigio, nunca se julgariam fadadas a desaparecer. Assim tambem ameaçada de ruina a civilização occidental do mundo em que vivemos, ameaça que a Grande Guerra, felizmente, como um mal menor, veio, em parte, corrigir. E essa situação de angustia generalizada que caracteriza a nossa época, o drama contemporaneo que tanto inquieta a todos, a todos dando impressão de que ninguem está bem, que nada surte efeito, tudo isso é a nossa herança de um vasto despreparo moral que traziam as élites do seculo XIX para enfrentar a vida que envolve uma noção infinita de responsabilidade a que o mundo essencialmente gozador que antecedeu a nossa geração não estava, nem podia estar affeito. Descendentes de uma época de prosperidade honesta, no sentido economico, mas corrompida moralmente, nós, homens do seculo XX, recebemos um legado que não corresponde mais ao mundo em que vivemos. Essa revolução, claramente observada hoje em dia, do sub-consciente colectivo contra todas as ideologias pre-Guerra, só pôde ser explicada por isso, por essa dignidade subitamente des-
perda em todos os pensadores sadios e em alguns homens de estado, assim como o filho "gaté" e ex-rico se revolta contra os proprios paes que o educaram numa falsa concepção dos homens e das cousas, quando não se entrega total e cegamente aos vicios com que a sua educação o invalida.

Gilberto Amado viu bem os contornos dessa revolução, que é, aliás, um estado d'alma colectivo muito typico:

"O que define, o que caracteriza o espirito do nosso tempo é, na ordem mental propriamente dita, a reacção contra as sciencias e suas applicações, contra o methodo experimental, contra o methodo historico, contra o seculo XIX, enfim".

Realmente: para quem observa o espirito do nosso tempo, duas immensas correntes se desenham, em sentidos nitidamente oppostos; da predominancia de uma dessas correntes se traçará o destino da humanidade. Essas duas correntes, são:

a) De um lado, a reacção contra o seculo XIX, que abrange todas as suas ideologias deleterias;

b) Do outro, o apêgo, a generalização, quasi que a racionalização dos factores que solapavam já antes da Grande Guerra o arcabouço da civilização occidental.

Entre esses dois pontos de vista que não comportam ecclectismos, fiquemos com os primeiros.

Ha para nós um supremo ideal que dignifica e justifica a vida; é trazer á luz do dia as causas da ruina de um mundo cujos valores nos foram entregues, já bem comprometidos, é verdade, mas que nos cumpre legar intactos e immaculados aos que nos succederem. E' preciso vêr que em todas as degradações que anniquilam a grandeza moral de uma época existe sempre o progresso da dignidade humana, um grande thesouro de conquistas moraes e materiaes que não pôde ser impunemente delapidado pela indiferença dos homens, entregues á inercia de um fatalismo-commodista. Operemos a REFORMA CHRISTÃ DA SOCIEDADE.

Como ? . . .

E' o que veremos adiante.

II) REFORMA CHRISTÃ DA SOCIEDADE

Como todos os males existentes, o profundo disequilibrio social contemporaneo tem uma fonte que precisamos estancar, uma causa que deve ser neutralizada; e é por ahi que deve ser iniciada a REFORMA CHRISTÃ DA SOCIEDADE. E o ponto de partida dessa actuação regeneradora está na cessação do mal que contamina a cellula basica do organismo social: a FAMILIA. D'ali se originam todos os factores de disequilibrio, todos os focos de onde promanam os germens destruidores do corpo e do espirito social.

A grande culpa justamente do homem que antecedeu a nossa geração foi, baseado na crença de um super-humanismo crear uma super-cultura e vice-versa, desdenhar o estudo aprofundado de sua época, em cujo centro se debatia o HOMEM MUTILADO de suas origens sagradas, desligado do céu e, portanto, rastejando em todas as miserias de uma "humanidade precaria", que já o encaminhavam para a desordem contemporanea.

A um HOMEM MUTILADO se seguiria uma FAMILIA MUTILADA, que deve ser o ponto de partida, o nucleo de irradiação para o trabalho da reforma christã da sociedade.

Ninguem historiou até hoje o papel damnificador do individualismo sobre a familia. No emtanto, são dois conceitos integralmente oppostos: FAMILIA e INDIVIDUALISMO; o triumpho do segundo anniquilou a primeira, e sendo esta a cellula social estava lançado o inicio dos abalos, de que hoje somos as victimas, nós geração do seculo XX.

Todos os pensadores, leigos ou religiosos, emprestam á familia o caracter de fundamento do organismo social. O que é aliás de uma clareza absolutamente indiscutivel.

“Si nous nous transportons par la pensée au milieu de ces anciennes générations d'hommes, nous trouvons dans chaque maison un autel et autour de cet autel la famille assemblée. Elle se réunit chaque matin pour adresser au foyer ses premières prières, chaque soir pour l'invoquer une dernière fois. Dans le courant du jour, elle se réunit encore auprès de lui pour le repas qu'elle se partage pieusement après la prière et la libation. Dans ses actes religieux, elle chante en commun des hymnes que ses pères lui ont légués”. (Fustel de Coulanges, C. Antique, pag. 39).

Esse povo tão imbuído de religiosidade, essa raça que emprestava á sua “gens” um caracter tão sagrado, foi o que preparou o esplendor do mundo romano, dominador por perto de doze seculos, em todos os horizontes da Terra!

Compare-se com o que resta hoje de sacralidade em relação á familia...

Spinoza, Proudhon, Hobbes, Saint Simon, Bluntschli, Berdiaeff, escriptores leigos ou catholicos, jámais pensaram differentemente.

O proprio Karl Marx, fundador do socialismo scientifico, sob cuja egide os Soviets vão, tão profundamente, degradando a Familia, foi o maior exemplo vivo de mentalidade pró-familia porque a venerava em vida privada, conforme se deduz dos depoimentos de seu genro, P. Lafargue, no “recueil”, “Marx—Homme, Penseur et Révolutionnaire”.

Rousseau (até o famoso Rousseau!) a quem cabe grande responsabilidade da emancipação do pensamento do seculo XVIII, disse tambem: “A mais antiga de todas as sociedades e a unica natural é a familia”; é o mesmo que sustenta Spencer (“Principios de Sociologia”); Spinas, em “Sociétés Animales”, e ainda que quasi total e universalmente incomprehendido, Freud.

Kurth, que já citei, no seu magnifico livro sobre as “Origens da civilização moderna”, tem esse trecho luminoso:

“Sans la famille, l'homme ne serait qu'un sauvage. Première oasis de la civilisation dans le desert de la barbarie, la famille est l'asile béni où la personnalité humaine s'épanouit au souffle de la tendresse et de l'affection” (pag. XXXIV).

Sendo a familia o nucleo fundamental do aggregado humano (e eu escolhi, absolutamente ao acaso, pensadores de todos os matizes confessionaes e de todas as épocas) conforme as citações

e a logica das cousas, não foi ella sufficientemente amparada, nem considerada sob o seu aspecto sobrenatural, durante o progresso subito, assistido pela humanidade, nesse espaço de tempo que decorreu da Revolução Franceza ao fim do seculo XIX, entendido este na sua concepção chronologica commum. O unico aspecto de que se cuidou foi o juridico, aliás por uma absoluta necessidade de ordem e, assim mesmo, repetindo em suas linhas geraes o Direito Romano.

A familia foi decahindo; e, como nada se fazia para impedir a quéda, a desorganização foi completa.

Quando se deu a ultima ruptura das raizes que ligavam o homem supra-natureza ao homem-natureza, nesse crescendo que foi de Lutero a Descartes, de Descartes a Comte e de Comte a Marx, o mal invadiu totalmente o organismo social, porque o "sobrenatural" passou a ser considerado "archaico" e o unico remedio que poderia salvar uma sociedade visceralmente combalida foi afastado por doutrina e por snobismo... E' nesse momento, quando essa idéa toma corpo definitivamente, que surge o marco tragico para a Historia dos Homens e onde se começa a diagnosticar o inicio da desagregação social que vae abalando o mundo em seus fundamentos.

Um excepcional surto economico, uma aceleração scientifica pujante, occultaram a uma humanidade até certo ponto razoavelmente optimista, os males que o individualismo lançára sobre a sociedade e, por consequencia, basicamente, sobre a familia.

O casamento, origem da cellula social, que deveria ser UNO, LIVRE, INDISSOLUVEL E FECUNDO, perdia o caracter sobrenatural, passando a ser equiparado a um méro contracto juridico (e, portanto, ao arbitrio das paixões) e consequentemente invadido pela coacção, deshonorado pelas polygamias dos casaes infieis, minado pelo divorcio e esterilizado pelo anti-concepçionismo.

Toda essa pathologia do casamento e da familia era invocada e realizada em nome da felicidade e do egoismo humanos, unicos bens que poderiam interessar a uma sociedade que perdera totalmente a noção de suas origens supremas. Se a crise que hoje assola a familia não explodiu logo em pleno seculo XIX, é porque a sociedade da época, levada pela tradição e pelo habito, ainda guardava as apparencias, emprestando á vida de então uma magestade exterior que não correspondia absolutamente á realidade interior. E, por isso mesmo, não havia combate franco.

Hoje, que os males estão patentes, o combate tem que se evidenciar e a REFORMA CHRISTA DA SOCIEDADE tem que se iniciar por ahi. O que o seculo XIX inconscientemente pensava e praticava,

o seculo XX realiza em nome do progresso, sob a egide da Lei, incentivado por uma Moral de occasião e desvairado por uma sêde implacavel de auto-prazer.

Nada me parece tão desolador, como depoimento para a psychologia de nossa época, como essa exacerbação de egoismo furioso, a crescer indefinidamente dentro do individuo, "derramando-se" peia collectividade e a tudo inundando, Arte e Philosophia, Direito e Moral, numa tentativa de justificação do predomínio das paixões individuaes aos interesses da communitade.

Só a propaganda da FAMILIA, a redignificação da FAMILIA, a resacralização da FAMILIA, poderão, contendo o egoismo avassalador, operar a volta ao equilibrio social, e, portanto, a REFORMA CHRISTÃ DA SOCIEDADE, conseguindo o que as reacções anti-liberaes e anti-individualistas dos "Estados Fortes", até agora só pallidamente obtiveram.

Aproveitando a tendencia biologica do Homem, a familia é o remedio-antidoto "natural" contra o egoismo humano, porque dentro della, nessa atmospheria de segurança e encantamento acolhedor, é que o sêr mais se desdobra, atenuando espontaneamente a ansia inextinguivel de prazeres individuaes a que o levou uma longa evolução social.

Cabe á IGREJA a propaganda intensa da familia, a que o Estado moderno deve se alliar, com o amparo juridico, social e economico, sobretudo o economico, para que o anti concepcionismô não devaste as populações, despovoando as terras.

A dessacralização do pensamento humano trouxe esse aborto tragico que é o ESTADO LEIGO, inteiramente indifferente á sorte espirital dos seus componentes, legislando superficialmente, e inerte á sorte suprema dos povos.

A REFORMA CHRISTÃ DA SOCIEDADE tem que atacar o Estado leigo, para que as CONSTITUIÇÕES imponham uma familia estavel, FINANCEIRAMENTE AMPARADA, baseada num matrimonio LIVRE, UNO, INDISSOLUVEL E FECUNDO.

E' preciso que o Estado conceda á familia as suas prerogativas espirituas e os seus deveres INALIENAVEIS E INVIOLAVEIS, para usar as expressões da ultima encyclica, sem o que continuará a sociedade a caminho do abysmo.

A Italia e a Allemanha, exactamente os dois paizes de onde se irradia a reacção anti-individualista, já protegem economicamente a familia fecunda, dando amparo financeiro a cada filho que nasce, taxando os celibatarios, etc... etc...

A Constituição Hespanhola declara a familia sob a protecção do Estado, mas isso é provavelmente uma simples fórmula inicial; dahi á execução vae muito...

A Constituição brasileira actual, que sobre a anterior tem um progresso formidavel (nesse ponto de vista de resacralização) consagra no Tit. V, Cap. I, uma migalhazinha de reacção, declarando tambem a familia sob a protecção do Estado e tornando o casamento indissolúvel.

As duas tendencias social-juridicas modernas são integralmente oppostas: ou o collectivismo scientifico que é o communismo ou as reacções racionais, anti-individuaes, na Italia e na Alemanha. A reforma christã da Sociedade paira acima dellas, porque tenta revitalizar o nucleo fundamental do aggregado humano, amparando o individuo menos individualista que existe, que é o ser em familia, que respeitada pelo Direito e dignificada pela Moral, será, realmente a unica esperanza de paz no coração dos homens.

Em resumo, a REFORMA CHRISTã DA SOCIEDADE só se poderá operar pela resacralização da FAMILIA, baseada, juridicamente, no CASAMENTO UNO, LIVRE, INDISSOLÚVEL e FECUNDO

Será esse o maior trabalho que está indicado á nossa época e que nos cumpre realizar, como um dever supremo, alliado ao Estado e á Igreja.

EUGÉNIE DE GUÉRIN

LEONTINA LICINIO CARDOSO

No seculo XIX, de uma familia de origem veneziana estabelecida na França meridional, surgiu Eugénie-Henriette-Augustine de Guérin.

Habitantes do castello de Cayla, na região do Tarn, Jean-Guillaume-Joseph de Guérin de Saignes de Cayla e Jeanne-Gertrude-Victoire Fontanille tiveram de sua união quatro filhos — Erembert, Eugénie, Maurice e Marie.

Como acontece, muitas vezes, durou pouco a felicidade desse lar christão. Mme. de Guérin, forte de animo e fraca de corpo, cedo deixou o mundo em que vivia — o velho solar de Cayla.

Foi nessa habitação fidalga da região da França, onde os raios do sol raras vezes illuminam a paisagem e a neve no inverno ou a tonalidade cinzenta e monotona dos dias de neblina dão ao scenario aspecto melancolico e recolhido, que se encontrou, deante da vida, aos 14 annos de idade, aquella que, na simplicidade angelica de seu viver, se chamou Eugénie de Guérin.

Encontrou-se deante da vida, podemos dizer, porque, privada dos carinhos e conselhos maternos, sentiu, ainda menina, que lhe cabia a missão de substituir, no lar, o ente querido que partira.

Viveu, pois, aquella que seria grande entre as poetisas francezas, naquelle solar antigo, longe dos rumores do mundo, na monotonia dos seus dias pobres de acontecimentos e ricos das emoções de sua sensibilidade, a sua vida e a vida de todos os seus.

* * *

Consciente da missão que lhe ficava, procurou Eugénie tornar menos triste a solidão do pae, e deu todo o seu cuidado á educação de Maurice, o futuro poeta destinado a ser, na França, uma expressão da época do romantismo em que viveu.

Deixou Eugénie de ser creança, quando sentiu pelo irmão um affecto maternal, e, desse affecto encheu toda a sua vida.

Para dar-lhe a educação que convinha, não recuou Eugénie deante do sacrificio de soffrer de sua ausencia. Internou-o no seminario de Tolosa, aos 12 annos, para seguir a carreira ecclesiastica, no tempo em que os paes resolviam pelos filhos a orientação que haveriam de tomar, sem estudar tendencias nem consultar vontades.

Através da distancia, nunca deixou a irmã de estar ao lado do irmão. Com intelligencia, carinho e solicitude, influuiu na sua formação moral para oriental-o na direcção que deveria seguir.

Transportado, depois, para o collegio de Saint Stanislas, em Paris, descobriu Maurice que, apesar de seus accentuados pendores mysticos, não sentia inclinação para o sacerdocio.

Acompanhando com o seu affecto a evolução daquelle espirito, comprehendeu Eugénie que não deveria forçar uma vocação indecisa, embora lhe viessem duvidas sobre a vida de Maurice e receios de influencias de espiritos que o deslumbravam e doutrinas que o attrahiam.

* * *

A grande afeição da vida da castellã do Cayla, foi Maurice de Guérin. A mesma sensibilidade, as mesmas inclinações uniam os dois irmãos. Se Eugénie foi a estimuladora da força creadora do artista, Maurice foi o descobridor de seu génio poetico.

Em Tolosa ou em Paris, durante os annos que esteve Maurice internado no seminario ou no collegio, soube Eugénie fazer desaparecer a distancia que os separava para deixar sentir ao irmão carissimo a proximidade de seu coração. Acompanhou seus "estados de alma" feitos de inquietação de espirito, exaltação de sensibilidade, inconstancia de idéas. Profundamente catholica, soffreu do temor de vê-lo seguir alguma direcção que não fosse aquella que conduz á Verdade.

Quando, mais tarde, terminados os primeiros estudos, Maurice encontrou La Mennais e, entusiasmado pelo seu talento, resolveu recolher-se á casa de oração para ecclesiasticos e leigos por elle fundada com Gerbet e Lacordaire, Eugénie, arrastada a principio pela admiração do irmão, percebeu logo o perigo da influencia do revolucionario de idéas sobre o espirito impressionavel do poeta.

Depois da decepção que tivera o jovem Guérin, de não poder realizar seu sonho de amor, quando acreditou correspondido seu affecto por Louise de Bayne, julgou Eugénie fosse o ambiente de La Chenaie enviado por Deus para curar aquelle espirito desencantado.

Após um convívio de longos dias passados juntos no Cayla ou no Rayssac, solar de Louise, esperava Eugénie vêr realizado o casamento do irmão com a mais intima de suas amigas. Velu, porém, a recusa do pae de Louise ao pedido de Maurice, sob o pretexto de que a vida do campo não sorria á filha.

Foi esse o pretexto, não a causa da resposta. O motivo da recusa era a saude de Maurice, que, já ameaçada, fazia esperar um fim proximo.

O trabalho intellectual era, pois, o que mais convinha, no momento, para adormecer os tormentos do coração e abrir novos horizontes á intelligencia do poeta.

Eugénie desejava ardentemente que essa crise de espirito fizesse o irmã voltar-se para a religião do Christo. Mas, julgando-se sem forças para dominar os impetos de sua imaginação exaltada, sem se acreditar bastante santa para operar o milagre, com elle conversava nas paginas do seu jornal: "Como fazes, tu que não rezas quando estás triste, quando sentes partido o coração? Quanto a mim, sinto necessidade de consôlo sobrenatural, sinto que é preciso ter Deus por amigo, quando aquelles que amamos nos fazem soffrer."

Quanta belleza revela esta alma em tão poucas linhas! E' a generosidade que tudo dá sem nada esperar das insufficiencias das creaturas, porque sabe que só em Deus póde encontrar o que almeja quando ferida por uma grande dôr. E' a palayra da sabedoria e do amor n'a energia suave da phrase. E' a força da alma que se volta para Deus em todas as horas, em todos os momentos, para chorar sem revolta e sem desespero, para soffrer com um sorriso unida ao Christo.

No recolhimento de sua casa de campo, Eugénie nunca desejara viver no mundo. Com delicadezas de sensibilidade presentira que nelle nada encontraria que pudesse satisfazer aos anseios de sua alma, por isso, sem a irritação dos revoltados, sem a amargura dos desilludidos, sem o desconsolo dos desenganados, disse, numa das paginas de seu "Jornal": "O mundo encanta, embriaga, mas não é a vida. A vida só encontramos em Deus e dentro de nós mesmos. Sentirmo-nos inteiramente sós com Deus, ó felicidade suprema."

Os laços de sangue, mesmo entre irmãos, não bastam para os grandes affectos. Só as afinidades no pensar e no sentir despertam affectos desinteressados, provocam entendimentos largos. São os encontros em que os espiritos se communicam e os corações se confundem. Desses encontros, temos exemplos em figuras notaveis da França.

Pascal teve em Jacqueline a alma irmã que o acompanhou em sua conversão e foi além. Deixou-o por Deus. Fez-se religiosa em Port-Royal.

Chateaubriand achou a estimuladora de seu genio desconhecido dos proprios paes, em Lucie. Foi elle, ao mesmo tempo, o descobridor de seus pendores intellectuaes. Viveram ambos da troca de energias e de affectos em suas creações. Por isso, o autor do "Genio do christianismo", pela sua propria confissão, "sentiu-se nascer para uma vida nova", quando Lucie lhe disse: "Deverias pintar o que descreves."

Renan encontrou Henriette, a irmã que não hesitou em tudo sacrificar para educal-o, influindo na mudança de sua vida, quando percebeu que a permanencia no seminario o afastava de sua vocação. Foi essa assistencia intelligente e constante que concorreu para affirmação do valor do artista, sendo de lastimar, porém, que Henriette, abalada em sua fé, tivesse seguido Renan em vez de o impedir de renegar as crenças recebidas no ambiente mystico da Bretanha.

Esses tres typos de irmã, diferenciados pelos destinos que tiveram e bellos pelos espiritos que revelaram, foram ultrapassados pelo que houve de nobre e santo na affeição da alma de Eugénie pela alma de Maurice.

* * *

Quando La Mennais começou a divergir da Igreja, foram grandes os receios de Eugénie de vêr Maurice abandonar, definitivamente, o caminho seguro, o caminho da Verdade. Expandiu, nas paginas do "Memorandum", a tortura que lhe ia no coração ao pensar na influencia que a palayra inflammada de um liberalismo condemnado pudesse exercer sobre a vida de Maurice. Tendo tomado o Evangelho por nórma de vida, Eugénie não se podia conformar em vêr o irmão afastado da Igreja Catholica.

Em consequencia da rebeldia do seu espirito, foi La Mennais obrigado a abandonar a congregação de S. Pedro, que dirigia em La Chenaie. Maurice deixando, então, aquelle circulo de estudo e

oração, sentindo-se sem vocação para o sacerdócio, resolveu passar alguns mezes na Bretanha, no convívio de La Mervennais, antes de se entregar á vida tumultuosa de Paris, que o attrahia.

Na grande capital do mundo, cultivou Maurice seu genio poetico. Collaborou em algumas revistas catholicas, leccionou, aperfeicouo sua arte sem abandonar os prazeres da mocidade.

Essa phase da vida de Maurice perturbou devéras Eugénie. Sabendo-o em Paris, entregue á sua bohemia, sentindo vagar seu espirito longe daquelle porto de salvação que se encontra nas verdades do christianismo, receiando que, depois da influencia exercida sobre elle por La Mennais, viessem outras de peiores consequencias para seu temperamento impressionavel, foi de angustias, de torturas intimas o tempo em que o seguiu e o procurou com suas cartas de ternura. Foram essas as cartas que ficaram, muitas vezes, sem resposta, porque o poeta, inebriado pelos prazeres sensiveis, nem tempo encontrava para demonstrar seu affecto áquella de quem era toda a vida. Serena, sem exigencias em sua afeição, sem recriminações desagradaveis, sem queixas amargas, a irmã amiga, com a nobreza dos que sabem amar, sem o egoismo dos que amam sem saber, continuava a seguil-o com a sabedoria da sua palayra. E, no dia em que se sentiu afastada do objecto do seu carinho pelas idéas que presentia no silencio que se prolongava, recorreu aos amigos de Maurice, na ansia de conhecer os rumos do seu pensamento.

* * *

Libertado de La Mennais, o poeta pantheista deixou-se levar por Barbey d'Aurevilly, para o viver alegre de Paris, que attrahia a mobilidade do seu espirito e o sentimentalismo do seu coração, facilmente seduzidos pelos encantos femininos.

Viajando, um dia, com Adrien de Sainte Marie, seu companheiro do Collegio Stanislas, passou Maurice de Guérin pelo castello de Coques, perto de Nevers. Ali habitava a baroneza de Maistre, sobrinha de Xavier de Maistre e irmã do seu amigo. Sem ter encontrado a felicidade no casamento, sem achar interesse no que lhe trouxera a vida, essa creatura intelligente, sentiu-se attrahida pelo poeta romantico e exaltado. Foi rapido o entendimento. No encontro dos espiritos falaram os corações.

Começou, então, a phase mais torturada da vida de Eugénie. Receiou que o irmão, vencido pelos encantos dessa mulher que o impressionára, seguisse uma vida menos digna, que o impedisse de

formar um lar christão. Longe, porém, de hostilizar essas relações que a inquietavam, procurou conhecer Mme. de Maistre, e iniciou com ella uma correspondencia que as ligou por toda a vida, e na qual acharam, ambas, consôlo depois da morte de Maurice.

* * *

Aos cuidados extremos que inspiravam a Eugénie os “estados de espirito” de Maurice, juntavam-se as preocupações pela sua saúde, seriamente ameaçada pelas extravagancias da vida de bohemio.

Enfraquecendo-se dia a dia, sem do perigo ter consciencia, adoeceu Maurice gravemente. Só, e em Paris, recebeu, por essa occasião, as maiores demonstrações de amizade de Mlle. Martin-Laforest. Servindo de mãe a Carolina Gervain, essa distincta senhora via com agrado o casamento da sobrinha com aquelle homem de brilhante futuro.

Da convivencia com essa familia, saiu Maurice vencido pelo amor e pelo carinho da “bella filha do Ganges”, uma indiãna encantadora. Resolveu, então, romper as relações com Mme. Xavier de Maistre e unir-se a Carolina Gervain, pelos laços matrimoniaes.

Eugénie, sem um conhecimento exacto da molestia de Maurice, sem suspeitar os progressos de um mal incuravel num organismo depauperado, recebeu cheia de alegria a noticia do casamento que se decidira para se realizar sem demora.

Foi com o sacrificio de seus gostos que a castellã do Cayla trocou, por algum tempo, o velho solar silencioso e tranquillo pela vida movimentada de Paris, para que não pairasse sobre a felicidade do irmão a sombra da sua ausencia.

No dia do casamento, no entanto, sentiu Eugénie que lhe fugia a alegria. Viu Maurice e comprehendeu a gravidade da molestia. Percebeu, sem engano, que não teria, por muito tempo, o amigo do seu espirito. Acreditou que o veria, bem cedo, partir. Soffreu de sabel-o perto da morte e longe de Deus.

Tudo aconteceu como previra a irmã solícita. Poucos mezes depois do enlace, condemnado pelos medicos a morrer tuberculoso, resolveu Maurice voltar ao castello, na esperanza de que o ar do campo e o aconchego da familia lhe restabelecessem as forças exgotadas.

Nesse momento, estava Eugénie na habitação de Mme. de Maistre, Tendo percebido que sua presença desagradava á mulher de Maurice

perturbada pelo ciúme, — sentimento egoísta desconhecido das almas grandes, — procurou o carinho da amiga para conforto de seus dissabores.

Ao receber a noticia desoladora, deixou, sem hesitação, o convívio de Mme. de Maistre e o castello de Coques. Partiu com o coração cheio de angustia para encontrar, em Tours, os viajantes que se dirigiam a Cayla.

Foram curtos os dias passados no velho solar paterno. A sombra da morte enchia de ansiedade os corações reunidos para os ultimos encontros. Eugénie, mais do que todos, soffria na sua ternura pela alma de Maurice. Torturava-a a idéa de vê-lo partir para a eternidade sem se reconciliar com o Deus do seu coração.

O poeta pantheista, porém, na sua exaltação, na sua sêde de prazeres sensiveis, afastára-se de Deus sem perder a fé. Com o encanto do seu affecto, conseguiu Eugénie fazel-o acceitar o sacerdote que o deveria preparar para seus destinos eternos. E, naquelle momento dolorosissimo de sua vida, mandou-lhe Deus o grande consolo. Disse-lhe o padre que deu a Maurice a absolvição dos peccadores: "Nunca ouvi confissão tão bem feita."

Profundamente emocionada por terem sido ouvidas suas preces ardentes, a irmã incomparavel transformou em capella o quarto do doente para ajudal-o a receber os ultimos sacramentos. E, nessa hora da agonia de Maurice, sentiu-se recompensada pelo carinho intelligente e santo com que se dedicára á sua alma inquieta e insatisfeita. Viu-o voltar-se para Deus com sinceridade de coração e percebeu que o seu afastamento tinha sido motivado, antes pela exaltação de uma alma de poeta do que por um abalo real nas convicções religiosas.

* * *

No recolhimento em que vivia, sem se furtar aos deveres de familia, sacrificando em trabalhos domesticos momentos que poderia melhor empregar na expansão de seu genio poetico, a castellã do Cayla, encontrava inspiração para os seus versos em tudo o que a cercava. As cousas mais simples da existencia, as vozes mais subtis da natureza, todas as harmonias, emfim, faziam vibrar as cordas de sua sensibilidade.

E' de extranhar, portanto, que esta creadora de rythmos literarios não tivesse mostrado interesse pelos rythmos sonoros. Sabendo sentir, vêr e dizer subtilezas de espirito e requintes de sentimento,

Eugénie não revelou nenhum gosto pela musica — a arte que melhor falla de Deus. Na personalidade da artista, onde encontramos a espiritualidade como traço predominante, surprehede esse desinteresse pela mais espiritual de todas as artes. Motivou-o, talvez, a ausencia de educação musical, difficil de adquirir fóra dos centros de cultura em que viveu. Bastaram-lhe, sem duvida, as harmonias interiores que soube ouvir e transformar na belleza dos seus poemas.

Ha, nesses poemas, versos que emocionam pela pintura dos scenarios, variedade dos coloridos, diversidade dos “estados de alma” e fallam aos que sabem se recolher e ouvir a repercussão dessas harmonias na intimidade do sér. A poetiza do Cayla, sem conhecer nem cultivar a linguagem dos sons, deixou, em seus versos, canções, elegias, balladas e hymnos de amor ao Creador do Universo.

Apesar das affinidades de temperamento artistico que uniam os dois irmãos, observamos nas obras desses dois escriptores, differenças sensiveis no gráo de espiritualidade. Em Maurice, encontramos imaginação, inquietação, melancolia; em Eugénie, sentimento, religiosidade, meditação. Através das inclinações literarias que os ligavam, como das diversidades que os distinguiam, vêmos bem a attracção de um pelo mundo exterior e tudo o que d'elle pudesse vir, a disposição da outra para d'elle fugir, presentindo que nada poderia trazer á sua alma feita para regiões mais altas.

Creaturas como Eugénie, passam como não tendo vivido aos que vivem superficialmente, sem coragem de descer ao fundo do eu. Com sabedoria grande, deixam o que illude e desencanta pelo “jardim encantado” da propria alma.

* * *

De sua existencia humilde e santa na solidão de um castello antigo, onde viveu conhecendo do mundo apenas o que presentira, deixou Eugénie, em seus versos, em cartas dirigidas ao irmão e aos seus amigos, em paginas intimas de seu jornal, uma revelação magnifica de vida intensa e profunda.

Na placidez de seus dias de castellã, sem ambiente para expandir seus dotes artisticos, sentindo, fechada em sua época, insufficiente o campo de actividade concedido á mulher, agiu no intimo da consciencia, num esplendido dynamismo interior. Foi assim que, sem mesmo o suspeitar, exerceu no mundo que desconheceu, a poderosa acção espiritual que a immortalizou.

O impulso para a realização dos grandes ideaes por aquelles que são incapazes de fixar ou exprimir seus pensamentos, vem, em geral, dos bellos espiritos, dos conductores de idéas. São estes os que fogem dos convívios banaes para passarem isolados, ignorados, absorvidos pelo trabalho arduo e seductor de cinzelar a propria alma. E' esta a missão dos santos. Legam á posteridade obra espiritual imperecível, elaborada no intimo da consciencia, no fundo dos claustros, algumas vezes, para agir sobre a humanidade, através dos tempos, como affirmação incontestavel da accção de Deus nas almas.

Espirito de eleição, Eugénie renunciou aos prazeres da vida, refugiou-se no seu castello interior e revelou o seu viver escondido entre os seus e em Deus.

São assim "as almas que não vêm ao mundo como o commum das creaturas, nem se deixam levar pelas suas promessas. Procuram outras fontes de prazer, desprezam as alegrias barulhentas, onde o corpo tem mais parte do que a alma".

* * *

Sem Maurice, continuou Eugénie a viver para Maurice. Publicou suas obras. Collocou-o no lugar que lhe cabia entre os poetas da França. Procurou conforto na amizade dos amigos do poeta, que se fizeram seus amigos. Contou sua saudade nas cartas que escreveu "a Maurice no Céu".

Foi Barbey d'Aurevilly, dos companheiros de espirito de Maurice, o preferido na sua amizade. Sem grandes affinidades de sentir, uniu-os a mesma dôr da separação do que partira. Afastaram-se um do outro mais tarde, por motivo que Eugénie não revelou nas paginas mais intimas de seu jornal, para guardal-o no segredo do seu coração.

E' certo, porém, que Barbey d'Aurevilly, embora professo do mesmo crêdo, habituára-se á vida frivola e inutil de escriptor e jornalista violento e sarcastico. Não poderia ter comprehendido, portanto, a nobreza de sentimentos daquela alma fidalga. Feriu-a, talvez, sem o saber, decepcionou-a, decerto, sem o querer.

Na solidão cada vez maior de seu espirito, empenhada em fazer conhecido o genio de Maurice, nunca suspeitou Eugénie que deixava sua alma no mundo numa obra espiritual immorredoura.

No seu jornal, reunidos os fragmentos pelos seus biographos, encontram aquelles que sabem ouvir as vozes intimas da consciencia, comprehender a belleza do sacrificio e a pureza dos affectos, uma luz

que é de todos os espiritos que tendem para o alto, num vôo da terra para o céu.

Conhecendo Eugénie, pôde parecer estranho não se tivesse ella recolhido a um convento para viver melhor na terra com "Maurice no Céu". No entanto, revelou assim uma personalidade **inconfundível**. Sem ter ouvido o chamado **imperioso**, o chamado **irresistível** que aponta o claustro, Eugénie evitou fazer o que faziam, naquelle tempo, as mulheres que não tinham formado o seu lar — entrar para uma ordem religiosa, como solução do problema da vida. Depois da morte de Maurice, procurou suavisar a existencia dos que lhe ficaram e fez dos dias alguma cousa de bello na arte de viver entre a terra e o céu.

Foi admiravel! Passou pela vida com a alma cheia de sonho, sem um sonho de amor. Inundou com a luz dos seus dias sombrios o castello do Cayla. Enclausurou-se na propria alma e transmittiu a serenidade do seu pensamento a outras almas. Ouviu as harmonias interiores e creou, na belleza de seu rythmo, a obra poetica do seu genio.

* * *

Quando alguns annos mais tarde, a castellã do Cayla, depois dos mesmos padecimentos do irmão do seu carinho, exhalou o ultimo suspiro com a simplicidade e o recolhimento de toda a sua vida, deixou irradiando no mundo uma personalidade de mulher **inconfundível**.

Eugénie de Guérin foi uma **original**. Sem ter fallado de amor, viveu de amor. Sem ter formado o seu lar, foi a luz do lar em que nasceu. Sem campo de accção para projectar sua personalidade, agiu intensamente na intimidade de sua consciencia. Mystica, não se fez religiosa, foi monja fóra do claustro.

Sem Maurice, ficou humanamente só. Pela sua propria confissão, esplendidamente só. Viveu na terra com o céu na alma:

"Só Deus poderá substituir o grande amigo perdido."

"Deus caminha no vazio do meu coração."

BIBLIOGRAPHIA

M. Favergeat Marion — Eugénie de Guérin.

Extraits du journal et lettres choisies.

- G. S. Trébution** — Eugénie de Guérin — Journal et Fragments.
Victor Giraud — La vie chrétienne d'Eugénie de Guérin.
" " — Soeurs de grands hommes.
Ernest Zyromski — Eugénie de Guérin.
" " — Maurice de Guérin.
Genevieve Duhamel — La vie et la mort de Eugénie de Guérin.
Maurice de Guérin — Collection des plus belles pages.

O LIVRO QUE ESCLARECE



PSYCHOLOGIA DA FE'



do **P. Leonel França, S. J.**

2ª edição no prélo — Preço, 1 vol. 8\$000.

Pedidos á

BIBLIOTHECA ANCHIETA

CAIXA POSTAL 249

Rio de Janeiro

RETORNO Á RELIGIÃO

JOSE' ZAMARIM DA TESTA

EVOLUÇÃO DAS IDÉAS METAPHYSICAS NO CONGRESSO MUNDIAL DOS PHILOSOPHOS, REALIZADO EM PRAGA, EM SETEMBRO DE 1934

Sem admittirmos a verdade da "Lei do retorno" formulada por certos philosophos e preconizada entre nós, notadamente por J. Rodrigues Valle na "Nova Conceção da Historia", para salvar as asserções dos Positivistas, Materialistas e Marxistas, como Comte, Spencer, Buechner, Haeckel, Nietzsche, Melschott, C. Vogt, Taine e todo o pessoal da Encyclopedia, e outros mil mais; novamente por George Valois, que os tempos da religiosidade já passaram irremediavelmente, e com isso a pesquisa scientifica da causa primeira, como da metaphysica em geral, devemos constatar hoje, ao contrario, com Farias Britto, Worms, etc., a resurreição do interesse pelas idéas de religião. Os investigadores philosophicos voltam ao estudo dos problemas metaphysicos da causa não causada, quasi demonstrando a veracidade da hypothetica "Lei do retorno", segundo a qual a historia, em seu evoluí fatidico, chega a estados pelos quaes já passára.

Este despertar maravilhoso do espirito religioso, cujas primeiras timidas affirmações se deram já antes de 1914, e se affirmaram, com todo o seu vigor, durante e, de modo especial, após a Guerra Mundial, fizeram com que a humanidade reconhecesse o caminho errado do seculo anterior, de agnosticismo e negações materialistas.

Volveram então os povos á pratica das suas religiões, voltaram os philosophos aos assumptos da "philosophia perennis" e subiu o Poder espiritual do Papado a um apogeu que um D'Alambert, Diderot, Voltaire ou um Marx, Haeckel, Nietzsche, coveiros temporões que prematuramente tinham entoado o "Requiem" ao Christianismo, nunca poderiam ter imaginado.

Os philosophos recommecaram a naurir suas idéas nas fontes claras dos grandes mestres da antiguidade, produzindo uma literatura nova e novas escolas philosophicas, como o neo-platonismo e neo-thomismo,

elevando também Aristoteles á posição que devidamente lhe compete nas regiões da sciencia universal.

Fomos testemunhas, como a mocidade, finda a Grande Guerra, voltava ao estudo com sêde ardentissima de verdadeiro saber. Poude então na "Alma Mater" de Vienna, o velho cathedratico de philosophia, Jerusalém, com razão chorar de alegria quando ao reiniciar as prelecções, se achou, numa das aulas immensas e venerandas, deante de um auditorio composto de mais de 2000 estudantes, desejosos de ouvir a palayra do insigne Mestre; e vimos também muitas moças, na Faculdade de Theologia Catholica, assistir aos cursos de philosophia do eminente P. Pohl e de metaphysica do direito do Principe Padre Hohenlohe-Schillingsfuerst, O. S. B.

Entramos num periodo novo e a mocidade, passada pelo cataclysmo de fogo e sangue, reconhecia instinctivamente a grandissima mentira do materialismo e, virando as costas aos antigos apóstolos do agnosticismo, procurava temperar o seu espirito palpitante e dinamico, com as verdades immortaes da philosophia perenne. Ardente era o desejo de saber, forte a vontade de affirmar a vida e todo trabalho constructivo, desprezando-se a critica esteril e negativa. A mocidade, depostos os uniformes lamacentos das trincheiras, forjava o novo espirito scientifico do seculo XX, voltava ao sentimento, ideaes e praticas religiosas de seus antepassados, fundava sociedades estudantinas sobre bases estrictamente catholicas, entrava em Seminarios e repovoava os Mosteiros.

Presenciamos naquelle periodo postbellico quasi quotidianamente Congressos e Reuniões catholicas, masculinas e femininas, de adultos e de jovens, de estudantes e operarios, de academicos e camponezes, de intellectuass e modestos commerciantes, em varios paizes da Europa e America, sempre frequentadissimos, palpitantes de alegrias e enthusiasmos. Sem falar dos "Retiros ou exercicios espirituaes", ora tanto em voga, contribuindo para esta renascença religiosa de modo formidavel, convém também lembrar os Congressos Eucharisticos Internacionaes de Amsterdam, Montreal, Chicago e Dublin, sendo que o ultimo, celebrado agora mesmo em Buenos Aires, superando todos os precedentes e todas as previsões, foi uma verdadeira apotheo-se a Christo Sacramentado, por turbas enormes, calculadas no acto de encerramento em 2 milhões de pessoas.

Tendo-se presente todos estes momentos, não será então possivel falar de uma tendencia geral da humanidade de retorno á Religião?

E' verdade que aqui no Brasil, apesar do Congresso Eucharistico Nacional de São Salvador e da aceitação, por parte da Constituinte,

dos postulados mínimos catholicos, não se observou ainda um tal pronunciado abandono, por parte das classes intellectuaes, do positivismo agnostico e um rejuvenescimento nítido do espirito religioso e das sciencias metaphysicas, como na Europa.

O Brasil, no seculo XIX, vassallo fiel e filho legitimo da Europa Occidental, quanto ás doutrinas philosophicas, não pode ainda sacudir esta triste herança. Os academicos, medicos, advogados, literatos, homens publicos, etc., crescidos num meio religioso de puro formalismo, e embebidos de theorias materialistas e liberaes, não tendo a visão clara dos problemas que agitam a actualidade, chegam só difficil e raramente a reformar as suas antigas ideologias. Poucos conseguem adaptal-as aos rumos da evolução religiosa que presentemente se processa.

Emquanto certos cathedraticos desta classe, empedernida no seculo passado, continuam a apresentar aos seus ouvintes as theorias antiquadas sob o rotulo do “dernier cri” scientifico, surge um homem, dotado de intelligencia perspicaz, que préga uma nova e differente doutrina politico-philosophica. Plinio Salgado, o propheta de um novo Brasil, prega, com fé inabalavel, a doutrina politico-espiritual da concepção integral do homem e da vida. Elle não promette riquezas nem honras aos seus discipulos; promette difficuldades, diffamações e perseguições para aquelles que abraçarem a nova doutrina e pugnarem por construir sobre bases ethico-religiosas, em franca opposição ás theorias materialistas e positivistas e da resultante ideologia liberal-democratica, um Estado novo e integral da sociedade brasileira, baseado no trinomio de valores christãos: Deus—Patria—Familia.

E a mocidade moderna, farta de saber que o estado é um “egoismo organizado”, a religião uma “invenção capitalista” e a familia um “systema sexual anacronico”, escuta este clarim tão differente... Hesita um momento, depois aceita essa doutrina, enthusiasma-se e irmanando-se aos adeptos pertencentes a todas as classes sociaes, dá um verdadeiro sentido á expressão “Nação brasileira” para leval-a a sempre mais luminosos destinos.

Os moços Integralistas, aos quaes não cabe nenhuma complicitade e responsabilidade do passado, enthusiasmas para o estudo e a acção energica, levam o Brasil para uma grande reforma espiritual, ethica, ideologica e politica. Entram para a vida affirmando virilmente os altos valores da philosophia christã e desafiando as resistencias liberal-materialistas que apoiam o passado, constituem por seu espi-

rito a Nova Geração, positiva e crente. Esta realizará a Sociedade Integral, a justa harmonia de todas as classes nacionaes que trabalham pela grandeza da Patria, realidade permanente, livre de fortuitas facções politicas, corroidas pela voracidade de partidos inimigos.

Examinaremos agora, voltando ao assumpto deste artigo e attitude dos grandes philosophos modernos e pensadores emeritos em face do actual problema religioso e da metaphysica.

Notemos, a priori, que o 8º Congresso Mundial dos Philosophos, reunido em fins de Setembro a. c. em Praga, com a participação de cerca de 600 mestres que representavam 21 Estados, marcou o grande triumpho da religiosidade e da força da fé christã, como ha muito tempo não acontecia deante de um fóro scientifico tão illustre e grave.

O grande numero dos participantes demonstra claramente que as sempre maiores difficuldades para a formação de uma verdadeira "Welt-Anschauung" moderna, são ainda mais fortes que os cuidados economicos oriundos da crise mundial e que a confiança depositada na philosophia augmenta continuamente. Claro está que a philosophia deve mostrar-se digna desta confiança, pois do contrario acontecer-lhe-á perdel-a, como cem annos depois da morte de Hegel. Não chegando a constituir agora uma synthese satisfactoria entre o sentimento fundamental religioso do povo e a metaphysica scientifica, então, a philosophia perderá por muito tempo a occasião presente tão opportuna para tomar a chefia espiritual nas questões multiplas da vida e da politica. O 8º Congresso Internacional occupou-se principalmente dos problemas urgentes do momento, como p. e. a democracia, as relações entre as sciencias naturaes e a philosophia e finalmente o problema maximo e geral da actualidade: "As tarefas da philosophia em nossos dias".

Exprimiam os organizadores desse Congresso com a escolha dos referidos temas, a esperanza de que os scientists das differentes Nações dissessem á humanidade — quasi inconsolavel em face do chaos presente — alguma verdade consoladora. Não ha duvida que os philosophos não são directamente culpados das miserias e desgraças post-bellicas. E' licito affirmar-se o mesmo da philosophia?

O critico bem comprehende que o abandono dos proprios problemas da parte da philosophia no meado do seculo passado e, alguns annos depois, sua quéda completa no materialismo, seu jogo frivolo com os maximos problemas, a decomposição total das bases ethicas e espirituas do povo, lhe tiraram todos os bons ideaes que possuia; que a divisão infeliz entre a Fé e a Sciencia fel-o desesperar de si mesmo, desencadeando exteriormente todas as suas forças espirituas

e intellectuaes numa energica technico-civilisadora para se illudir do vacuo interno, da miseria intima. "... Neste seculo, escreve Julio Payot referindo-se ao seculo passado, temos dirigido todos os nossos esforços para o mundo exterior. Não fizemos com isso mais do que duplicar os nossos appetites, exasperar os nossos desejos, e afinal de contas, ficamos mais inquietos, mais perturbados e mais infelizes que dantes. E' que, as conquistas exteriores desviaram a nossa attenção dos melhoramentos interiores. Fizemos de lado a obra essencial — educação da nossa vontade. Abandonamos assim ao acaso, por uma aberração inconcebivel, o cuidado de temperar o instrumento por excellencia do nosso poder intellectual e da nossa felicidade".

Não foi justamente este abandono dos bens ideaes, esta dança infernal de desespero, conquista e auto-aturdimento que levaram o mundo ao chaos actual?

Sendo a philosophia a culpada dessa crise espiritual e material que se processa presentemente em todos os paizes do mundo, ella deve atacar o mal e indicar o caminho para que a humanidade volte a um maior equilibrio espiritual e bem estar material.

O 8.º Congresso Mundial dos Philosophos, patrocinado pelo Presidente da Republica Tcheco-Slovaca, Dr. Masaryk, considerado o maior espirito philosophico da sua terra, foi inaugurado solemnemente, no Parlamento de Praga, com um discurso programma do Ministro do Exterior, Dr. Benes, que o terminou com as palayras: in fine vincit veritas. E no convite, dirigido aos congressistas, lia-se a sentença preciosa: "Os philosophos devem reinar no mundo". Idéa maxima de todo pensador grego, descrevendo o Estado Ideal e preconizando as suas melhores formas de governo, era que os philosophos deviam tomar as redeas da regencia ou que os governantes se transformassem em philosophos verdadeiros garantindo o bem estar dos povos, caso, contrario, nem os Estados nem a humanidade ficariam livres do mal e das miserias.

O materialismo marxista, o liberalismo e o Christianismo foram as tres grandes correntes philosophicas representadas no ultimo Congresso: a these principal dos marxistas era, no passado, a theoria da luta de classe, base scientifica para a "concepção materialista da historia", segundo a qual toda espiritualidade e religiosidade no mundo eram unicamente a consequencia das difficuldades economicas e das catastrophes sociaes da humanidade no decorrer dos millenios. Por necessidade e deante do perigo que o ameaçava teria então o homem construido arbitrariamente um dominio sobrenatural, um reino divino que devia servir-lhe "post mortem" de compensação para a

vida frustrada no Aquem. Assim a humanidade inteira mystificou-se na illusão do bemaventurado Além; as castas socialmente mais elevadas conjuntamente com as castas sacerdotaes, teriam feito o resto para exploral-a egoisticamente. Nesse sentido affirma o marxismo que "a religião é o opio do povo".

A critica de maximo rigor scientifico illuminou, no Congresso de Praga, as correlações descobertas por Marx, que deviam trazer-nos os maiores esclarecimentos historicos e affirmou a verdade que o homem, no passado, encontrou geralmente só em momento de magno perigo e summas difficuldades externas o caminho para as idéas metaphysicas e a religiosidade. Isso porém, não nos diz nada mais a respeito do facto de encontrar o homem mais facilmente a senda para as questões puramente espirituaes em momentos agitados e de crise, i. e., quando o pensar e o agir não estiverem mais completamente subordinados ao interesse de aquisição de bem materiaes. O homem historico, que se condemna por ter inventado um reino sobrenatural phantastico, tem de facto, apesar das suas difficuldades, conservado o melhor: a faculdade de um pensar são e forte.

Mas o marxismo que se propunha livrar os homens não só de seu estado economico miseravel como tambem do seu "atrazo" espiritual, desencadeava em ambos os campos, no economico e no espiritual, a maior catastrophe que o mundo conheceu. Emquanto, em economia, a consequencia da doutrina marxista foi um egoismo terrivel e uma pobreza horrorosa, no campo espiritual, foi o maior peccado contra a humanidade, matando o espirito nas massas populares. Resultado: a ruina total do individuo.

Para sahir desse estado de dupla miseria, espiritual e material imposta aos povos pelas doutrinas negativas do judeu Marx, não ha outro meio senão a volta necessaria e logica, immediata e completa ao fundamental no mundo, ao perenne e permanente, que pode e deve ser reconhecido, pensado acreditado atrás deste mundo transitorio como idéa de duração constante.

Numerosos foram, no Congresso de Praga, os representantes velhos da antiga orientação liberal em philosophia, que não se distanciavam ainda claramente dos principios liberaes. Accentuando a "liberdade de pesquisa" e a "soberania absoluta do saber humano", continuam a basear-se em erros multiplos que somente a luz da fé poderá apagar.

Estes philosophos liberaes porém, seguiam com intenso interesse as idéas christãs desenvolvidas pelos philosophos christãos. Despertaram, em geral, todos os themes que tratavam da philosophia pura

e illustravam, ao mesmo tempo, as posições da fé, o interesse mais serio do Congresso indistinctamente. Convém notar que foram justamente os philosophos catholicos que colheram o maior successo de todos os congressistas quando defenderam a pura "doutrina fidei" da Igreja, em theses mui importantes, altamente consideradas e applaudidas, apresentadas pelo jesuita P. Przywara e pelo representante da Universidade Pontificia de Roma.

Resulta que a necessidade, em philosophia, de uma nova orientação fundamental, tornou-se mais evidente depois do ultimo Congresso dos Philosophos, celebrado em 1930 na cidade de Oxford. Assim foi desta vez estudado em Praga o problema philosophico-religioso com o decidido interesse de todos os congressistas.

Ataques e animosidades contra a Religião, a "conditio sine qua non" dos estudiosos de philosophia na época liberal — nada disso houve. Ao contrario, Jacques Chevalier, o decano da Faculdade philosophica da Univeridade de Grenoble e representante official do Governo Francez, foi muito applaudido quando prometeu ao povo, nas suas duvidas religiosas, o auxilio da philosophia e fazia profissão theista no relatorio sobre "Une cause spirituelle du déséquilibre moderne: l'absolutisme humain".

E o judeu Léon Brunschvicg-Paris, falando sobre o mesmo thema, affirmou que a Religião devia ser totalmente espiritual para tornar-se integral. Pode haver Credos religiosos differentes, porém, ha sómente uma unica Religião. Esta concretiza-se afinal na lealdade e fidelidade para com o espirito, a doutrinação e o culto divino. "Spinoza falou de Christo", concluiu o referido orador o seu relatorio, "comme du philosophe par excellence: summus philosophus. Ce qui revient á dire, pour tout résumer en un mot, que c'est une même chose d'apprendre á penser et d'apprendre á aimer".

O P. Przywara, S. J., fazendo uma analyse phenomenologica do sentimento religioso com referencia ao acto philosophico, dividiu nitidamente a noção da Philosophia da de Religião. Affirmando que a Philosophia começava com o homem, a Religião com o livre principio da graça livre, preconizava a renuncia completa da comprehensão humana em assumptos de Religião, a "docta ignorancia", enquanto Léon Brunschvicg, partindo de um ponto de vista completamente opposto, comprehende por Religião a transcendencia do espirito finito e um aperfeiçoamento intellectual.

Sentiu-se assim, depois da discussão philosophico-religiosa realizada nesse 8º Congresso dos Philosophos, seguida em sentido positivo pelas theses apresentadas pelo prof. Noel, da Universidade Catholica de Lovaina. La notion de philosophie chretienne; de Ch. Werner —

Genebra: Religião e Philosophia, de A. Lidell — Tallahassee: Religion and philosophy; e de N. Lossky — Praga: Die christliche Weltauffassung als allseitige Synthese, perfeita e intuitivamente a invencibilidade dos bons ideaes christãos que hoje em dia são os mesmos e tão firmes como ha mil annos atrás. O espirito do ensinamento de Christo é dourado; elle permanecerá através das idades e dos tempos.

O racionalismo e naturalismo materialista que cavaram artificialmente o grande abysmo entre a Sciencia e a Religião, não têm mais sorte, no seculo presente, com as suas doutrinas antiquadas. Gaston Bachelard, da Universidade de Dijon, declamou a suppressão de todo limite para a philosophia, querendo que “La philosophie scientifique doit en quelque manière détruire systematiquement les bornes que la philosophie traditionnelle avait imposée á da science” e “que la philosophie scientifique renonce au réel immédiat et qu'elle aide la science dans la lutte contre les institutions, premières, étant essentiellement une pédagogie scientifique”, emquanto o Dr. Driesch-Lipsia, fazendo da sciencia natural e, de modo especial, da biologia, uma idéa philosophica mundial, permittiu que a metaphysica, sendo uma pura questão philosophica, estivesse numa certa relação com as sciencias naturaes. A metaphysica analysa logicamente os resultados da sciencia natural, não podendo assim esta dispensar a primeira, como o fizeram antigamente alguns systemas dogmaticos e com grande prejuizo para si mesmos. Um ponto de vista parecido defendeu Ad. Meyer-Hamburgo, no seu parecer: “Die Ueberwindung des Mechanismus durch den Holismus”. Da mesma forma que Driesch susteñta ser o seu Vitalismo uma forma moderna do Aristotelismo, assim considera Meyer o seu “Holismo”, presupposto este, como o Aristotelismo, uma finalidade universal ou Teleologia da Realidade, sómente com a differença que o “Holismo” não se utiliza da Teleologia, “como de um principio explicativo e constitutivo”, o que faz o Vitalismo, mas sim “como problema cogitivo para resolver continuamente a problematica e hematica das investigações scientificas”.

Sem o presuposto da theologia, impossivel é a formação de qualquer theoria constructiva, permittindo o desenvolvimento dos conhecimentos naturaes considerar a natureza um total, uma unidade engenhosa e bem projectada.

Interessante foi por isso, na preleção, do prof. Walker—Oxford, a menção do facto de que até ha algumas dezenas de annos, tivesse o professor de physica na Universidade de Oxford, o titulo de “Professor of Experimental Philosophy”, conservando-se assim a physica como ramo da philosophia. Concluiu o orador o seu thema, intitulado:

“Relation of Philosophy and science”, com as palavras: “If science is again to become explanatory, they must once again join hands”, afirmando dest’arte que a sciencia natural não será mais só descriptiva, como tem sido nos ultimos decennios, porém, de facto explicativa, quando se unir de novo á philosophia.

Tambem o representante Finlandez, Salooma, lente na Universidade de Turku, falou no sentido de superar finalmente o mecanismo na sciencia natural, não satisfazendo mais a simples medição e quantidade, exigindo-se comtudo a averiguação da qualidade e da totalidade.

A grande maioria dos Congressistas tinha certamente a convicção da necessidade reconciliatoria da sciencia com a philosophia. Sómemente o grupo Viennense do Positivismo logicista, chefiado pelo judeu Moritz Schlick, esforçou-se em demonstrar que tarefa da sciencia seria a eliminação da philosophia, restando pois unicamente a sciencia da physica. Não foram porém, tanto os escrupulos logicos contra a compreensão integral da natureza, quanto á aversão contra a metaphysica, que se oppuzeram ás idéas da maioria dos Congressistas, repudiando-as.

Insurgiram-se então, oradores que se manifestaram violetamente contra esta novissima forma do Positivismo. Distinguiram-se nesta critica os “Romanos”, Perc. Frutinger—Genebra no discurso: “Un nouveau scientisme”, Ingarden—Leopoli, alumno de Husserl, com o “Der logistische Versuch einer Neugestaltung der Philosophie”, conjuntamente a F. C. S. Schiller—Oxford, no trabalho: “How is exactness possible?”, afirmando categoricamente serem as pretensões e arrogancias dos “Logicistas” um jogo inglorio “With fictions and verbal meanings”.

Tendo-se desenvolvido ao redor da questão religiosa e da posição da Philosophia em relação ás sciencias naturaes uma certa, para não dizer completa unanimidade de vista entre os Congressistas — Philosophos — facto importante para a critica cultural — demonstrando as differentes Confissões christãs um entendimento unisono, notou-se uma forte participação do Clero catholico nos trabalhos do Congresso, como não tinha nunca acontecido antes. Não ha duvida que o Catholicismo ganhou muito em potencia espiritual. A sciencia Academica está hoje voltando á Religião. No mesmo caminho trilham as massas, como tambem a parte melhor da Juventude, sciente que a Crença gera a Sabedoria. Quanto mais o homem sabe, tanto mais profundamente acreditará nas Verdades eternas da Religião. “Initium sapientiae timor Domini” reza a Escriptura Sagrada acertadamente. A incompatibilidade entre a Crença e o Saber, tão altivamente

decantada e propagada, no seculo passado, pelos racionalistas, oriunda porém sómente da ignorancia religiosa e da pretensão scientifica, que dava valor de pura verdade ás mais absurdas hypotheses indemonstradas e eternamente indemonstraveis, é para a mocidade moderna, idealista, entusiasta, dinamica, mas espiritualista e crente, simplesmente um mytho. São elles que atacam, criticam e decompõem a philosophia negativa. São os moços, em primeiro logar, que nessa hora empunham o Facho para renovar o mundo moral e ethico, violentamente, prometheamente, associado o engenho á vontade, o saber, á força, a inspiração religiosa ao heroismo dos mártires christãos, preparando um futuro grandioso. Affirmam as idéas da "anima naturaliter christina", do espiritualismo e da religiosidade para combater poderosamente o Nihilismo e Bolchevismo. Anti-commodistas e anti-almofadinhas, não querem usufruir daquillo que já existe, mas trabalham para a realidade futura; são constructores audazes da cultura christã do porvir. Vivem, na hora presente, actuando no sentido do futuro, estudando-o, preparando-o, sem um momento de descanso; vivendo em tensão constante, apoiando as idéas christãs, forjando a philosophia do amanhã.

Interessante é tambem o facto que o P. Gemelli, O. F. M., reitor Magnifico da Universidade Catholica do Sagrado Coração de Milão e o mais proeminente philosopho italiano, tomou este anno parte no Congresso dos Philosophos de Italia, cuja primeira reunião, quinze annos atraz, tinha sido obrigado a deixar, tendo-se transformado o Congresso numa sessão desregrada e barulhenta dos peores anti-cle-ricaes.

Esta tradição, pouco recommendavel, foi continuada durante alguns annos, e por isso recusou-se ainda o anno passado este philosopho a participar das sessões, em vista dos acontecimentos deploraveis que se verificaram no Congresso de 1929. Aceitou porém, este anno, o convite, comparecendo, com um numero relevante de philosophos catholicos, ao Congresso italiano.

As discussões foram levadas a effeito num espirito de cordialidade e foi concedida aos representantes da "philosophia perennis" a maior liberdade de discussão e prestada uma grande attenção ás theses que desenvolviam, sendo todos muito applaudidos.

Nas prelecções dos antigos adversarios notou-se uma grande mudança espiritual. Em todos os campos da metaphysica, da philosophia sociologica e do direito, na ethica e na philosophia natural constatou-se um afastamento perceptivel das theorias subjectivistas, immanentistas (idealistas), do relativismo e positivismo do seculo

XIX, norteando-se toda a philosophia pelo desejo, mais ou menos claramente expresso, de voltar a uma doutrina objectiva do ser e do dever, de retomar o caminho da metaphysica, reconhecendo a causalidade e finalidade, no sentido metaphysico, nas sciencias naturaes e na vida humana.

Mesmo que esta nova orientação da philosophia italiana seja devida em parte ás exigencias nacional-politicas, certamente trata-se de phenomenos espirituaes não sómente circumscriptos á Italia, como a todo o Occidente, facto este irrefutavelmente demonstração no Congresso Mundial dos Philosophos de Praga.

Uma transformação de pensamento está se operando no mundo, com maior rapidez do que a costumeira. Toda a vantagem está em favor da philosophia nova, da metaphysica que volta ao seu antigo esplendor. Todos procuram a Verdade e a Magna Philosophia e não ha, hoje em dia, duvida que atraz dellas se esconde a verdadeira Religião.

Este é o resultado mais importante do 8º Congresso Mundial dos Philosophos, realizado no anno da graça de 1934, e que acompanha de alta renovação scientifica, o movimento geral de volta á Religião.

Pindamonhangaba.

FALSO MILITARISMO

PUBLIO DIAS

A influencia politica do Exercicio no Brasil tem sido sempre notavel; notavel e, posso accrescentar, muito bem intencionada. Collocando-se ao lado dos abolicionistas, foram os militares brasileiros, naquelle momento, recém-aureolados com as glorias guerreiras do Paraguay, um dos mais fortes esteios p'ra consecução daquillo que a par de uma alta e innegavel nobreza, constituiu a preparação mais positiva da Republica que se succedeu.

A proclamação da primeira Republica foi, de certo, obra dos quarteis. Dos quarteis e de um lyrico positivismo de mistura, que concorreu grandemente para a parte humoristica de nossa historia, com seu templo anachronico, a inscripção de nossa bandeira, as estatuas impagaveis (verbi gratia, a da Senhora Humanidade amamentando uma creança, que se vê na Praça da Republica no Rio, tendo como inscripção: "A' esposa objectiva de Benjamin Constant"), porém, com o lado daninho do laicismo constitucional, que separou por tanto tempo o espirito do povo do da nossa Carta Magna.

Em seguida ao curto e quasi amorpho estágio do generalissimo veiu o governo de Floriano, energico e decidido, em que o principio da Ordem constituida foi mantido a todo custo, inclusive com sangrentas suffocações de levantes. Foi uma triste excepção o periodo presidencial de Hermes; mas ahi, ao contrario da influencia do Exercicio, se fez sentir a vontade autoritaria de um caudilho civil.

Emfim, iniciando-se o quadriennio Epitacio, o Exercicio, em pequenos nucleos, accendeu o rastilho revolucionario. O estado politico se eivára de erros, que só a cirurgia brutal de uma rebellião seria capaz de extirpar. A insatisfação e a nobre revolta tomaram conta do espirito militar que naturalmente mais se contagiava com a voz incendiaria dos opposicionistas de profissão e o demagogismo exaltado dos jornaes. Os politicos queriam, como de outras vezes, explorar os militares. Aqui é opportuna a citação de Virgínio Santa Rosa, em "Sentido do tenentismo": "O que existe realmente é a

eterna exploração tendenciosa dos políticos, aproveitando a permeabilidade das casernas ás campanhas partidarias. Habilmente, manejando elegante dialectica e instigando appetites subalternos ou idealismos exaltados, elles arrastam os militares ás aventuras revolucionarias. Então, para dourar a pilula, elles apregoam, em jornaes e manifestos, o direito do militar fazer parte dos corpos partidarios, deliberando, com a força de sua intelligencia e o prestigio de seus galões, sobre os graves problemas do momento." Mas a reacção se fez sentir com energia nunca vista, de que o tenentismo foi um dos symptomas mais alarmantes. Mesmo com prejuizo da decantada hierarchia militar, não se póde negar ao tenentismo "o papel de coefficiente de variação, agitando a placidez do magma social, em busca de novas crystalizações", como muito bem o definiu Virgínio Santa Rosa, no seu excellente ensaio citado.

Então se poderá relevar o enorme coefficiente de erros, desrespeitos á autoridade e dubiedades com que agiram os chamados tenentes, não raro de confusa ideologia. O que se notava na maioria delles era uma enorme pureza de intenção quando deliberavam ou trabalhavam, até que melhor experiencia do governo ou da vida os fazia reconsiderar as faltas com uma notavel sinceridade.

Passado que foi o agitado e romantico periodo revolucionario, com a proclamação da Constituinte e eleição do presidente da Republica, resolveram acertadamente os militares cooperar activamente dentro e fóra da caserna, pelo estabelecimento e manutenção dos principios pelos quaes se haviam batido. Fóra-se a época lyrica dos clubs 3 de outubro, das inversões de hierarchia. Por isso é que avulta a attitudo singular desse general Manoel Rabello, que a Revolução guindou ao mais alto posto militar e conferiu as honras mais precipuas de uma Interventoria e commando de importante região militar. Não é mais um cadete, no qual os arroubos de eloquencia transbordem algumas vezes do rigido espirito de disciplina ás leis do paiz e da caserna. Trata-se, ao invés, de um homem amadurecido e provido, quando não de outra, da experiencia dos annos. Pois é esse general, cujo passado na interventoria de S. Paulo se celebrizou sobretudo pela famosa lei reconhecendo de utilidade publica a mendicancia (vêja-se "Diário Official do Estado de S. Paulo", n. de 28-XI-934), que se arrogou a quasi exclusividade de "dizer verdades" sobre a Revolução. De fazer elegantes paradoxos sobre as mais sérias instituições nacionaes, como o voto. Tomou a posição "blasé" de desencantado. Esta não é a Revolução dos meus sonhos, deve repetir o general com suas estrellas. E para que não se diga que estou fazendo literatura, cito, em seguida, as palayras delle, outro dia pro-

nunciadas ao microphone: "A revolução de 1930 tão pouco produziu de bem e tão grandes desgraças forçicou contra as liberdades civis e politicas, que nos achamos numa situação mais critica ainda do que antes de 1930." Eu não poderia aquilatar a gravidade destas palayras se não reconhecesse no general Manoel Rabello um permanente revoltado, no qual muito ha que louvar a tenacidade com que se bate por suas idéas.

Porém, o que mais nos estarrece é o sentido que o mesmo general procura dar áquillo que chamamos disciplina militar. Ora a actual, como a anterior Constituição, reconhece no presidente da Republica, o chefe supremo das forças de terra e mar e succede que o Exmo. Sr. Getulio Vargas ordenou fossem prestadas continencias ao Cardeal Legado que ha pouco passou pelo Brasil. Sem entrar na discussão do mérito dessa determinação, quero pôl-a defronte dessas palayras do general: "Da minha parte declaro que tropa que eu commandar não receberá ordem minha para prestar homenagens a representantes do poder espiritual." Não é possível declaração mais patente de desrespeito ao poder, que elle mais que qualquer um de nós, tem obrigação de manter.

O general Manoel Rabello, como ardoroso idealista que acredito seja, tem, é claro, direito de, por todos os meios licitos, defender seu pensamento e atacar destemidamente o alheio que lhe seja contrario. Tem mesmo o direito de amargamente queixar-se das desillusões do movimento de 30. De prometter-nos messianicamente uma "dictadura republicana" de fundo nitidamente anti-clerical, ad-instar do Mexico. De prophetizar para muito breve a "galvanização desse cadaver" (o clero), obra que, a seu vêr, foi iniciada vantajosamente pelos revolucionarios, prophecia de resto não muito original, pois lembra coisa analoga de Voltaire a respeito da Igreja Catholica. Creio na sinceridade do general.

O que me custa, entretanto, a conciliar é a sua posição tão graduada no Exercito a pregar a indisciplina, o revolucionarismo continuo, a queixar-se das instituições de que elle foi um fautor e é, ou, pelo menos, deve ser, um sustentaculo. Principalmente quando consente o desenvolvimento de um caso personalissimo numa questão que pôde ter gravissimas consequencias. O verdadeiro militarismo brasileiro tem sido, em geral, constructor e respeita a ordem civil e militar, de que é uma solida garantia. E é ao soldado brasileiro que o general Manoel Rabello préga desassombadamente a violação á autoridade constituida e a lucta de classes, em vez da harmoniosa

cooperação dellas. Seria bom lembrar ao Sr. Manoel Rabello as incisivas palavras de bom senso de Alfredo Rocco: "La Rivoluzione non può essere un fine a se stessa, é necessariamente un mezzo per la formazione de un ordine nuovo".

S. José do Egypto (Pernambuco), novembro de 1934.

Consultas: O sentido do tenentismo — Virgínio Santa Rosa (Schmidt-Editor). A psychologia da revolução — Plínio Salgado (Schmidt-Editor). A genese da desordem — Alcindo Sodrê (Schmidt-Editor). A columna de fogo — Jackson de Figueiredo (Centro D. Vital-Rio). Anti-Cristeros — Art. de Tristão de Athayde, reproduzido n'A Imprensa, Parahyba, novembro—1934.

LETRAS CONTEMPORANEAS (1)

JONATHAS SERRANO

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT —
"Canto da Noite" — 1934 — Comp. Edit.
Nacional — São Paulo

E' por vezes curioso o desaccordo existente entre a propria realidade physica e a idéa que fazemos espontaneamente de um autor, através da obra, sem conhecer-lhe sequer o retrato.

Até que ponto é possível adivinhar-lhe o aspecto?

Lembro-me, por exemplo, do desapontamento (releve-se-me o anglicismo) com que vi pela primeira vez, Claudel. Pois então era aquelle o poeta subtil, o artista requintado, que me surprehendera pela inconfundivel originalidade?

As mysteriosas associações subconscientes levam-nos a surpresas e desillusões. *

Ignoro o que poderá ser, ou poderia acaso ter sido, na hypotese presente. O autor do Canto da Noite é já bem conhecido, pelo menos aqui na Capital e em S. Paulo. Quero, todavia, imaginar uma leitora em localidade afastada, lendo este volume e idealizando a imagem do poeta. Porventura o veria em sonhos pallido, magro, de apparencia neo-romantica, morbidamente triste.

Que importa? Não é porventura Chesterton uma das sensibilidades mais finas e apuradas da literatura ingleza contemporanea?

* * *

Sem favor — e sem surpresa para ninguem, pois o proprio

(1) De Janeiro de 1932 a Dezembro de 1934, ininterruptamente, sahiram estas chronicas literarias com o titulo de *Letras Catholicas*. A mudança do qualificativo não representa, absolutamente, nenhuma alteração no que poderíamos chamar o nosso angulo de camera; visa, apenas, alargar o proprio sector de observação. De accordo ou não com as idéas apreciadas, olharemos sempre as obras com aquella sympathia inicial que julgava Guyau ser condição indispensavel para a verdadeira critica. Oxalá possamos sempre (e pdessem tambem os criticos de outros sectores), ter essa tranquilla imparcialidade...

poeta o deve em seu intimo reconhecer — Augusto Frederico Schmidt é, nas letras brasileiras de hoje (não quero chamal-as modernistas, nem excogitar qualificativos exóticos ou pseudo-scientíficos) uma individualidade bem marcada. E o seu **Canto da Noite**, quaesquer que sejam as restricções que se lhe possam acaso fazer — (e eu lh'as faço) — é livro de legitima e por vezes formosa poesia.

Antes mesmo de considerar a significação de suas palavras ou imagens, o seu rythmo já nos impressiona por certas peculiaridades. Teve razão até certo ponto Ronald de Carvalho ao desenvolver a theoria do rythmo na concepção emancipada da poesia nova:

Cria o teu rythmo a cada momento.

Rythmo grave ou limpido ou melancolico;

rythmo de flauta desenhando imagens claras

de bosques, de aguas múrmuras, de pés ligeiros e de asas.

Na velha poesia, aliás (será mesmo tão velha assim?) — havia o recurso correspondente dos varios metros, desde os versos de sete, ou seis, ou até menos syllabas, até o alexandrino e, excepcionalmente, versos de mais de doze syllabas metricas. Um exemplo, apenas: lembrem-se do rythmo empregado por Bilac, em sua **Cantilena**, pagina das mais expressivas do volume **Tarde**?

E' interessante comparar o rythmo de Schmidt, no **Canto da Noite**, e o de Karam, na **Hora Espessa**. Neste predominam os versos, ou versiculos, curtos, que raro chegam a exceder dez ou doze syllabas. No **Canto da Noite** é frequente o encontro de linhas rythmadas de quinze, vinte e até mais syllabas.

Aqui surge uma duvida. E' ainda possivel considerar verso, ou versiculo, uma successão de mais de vinte syllabas? Não ha, além da difficuldade de ordem auditiva, outra de ordem visual, a de abranger de um relance o conjuncto rythmado? E a propria disposição typographica, obrigando a quebrar a linha por effeito das dimensões naturalmente reduzidas de cada pagina impressa não prejudica afinal o prazer esthetico, em que ha, além dos elementos de ordem superior, muito tambem de sensivel — eu diria até sensual — no som, na visão, nas associações inconscientes, difficeis de analysar?

Como quer que seja (a discussão deste problema daria para uma monographia) é innegavel que o ouvido e os olhos podem educar-se tambem neste dominio e chegar a sentir a belleza propria.

Sem duvida. Mas não será também uma prova de que o desprezo systematico da metrificacão é, afinal, um erro de esthetica?

Sou. aliás, — e já o tenho repetido aqui mesmo, nestas paginas, ha tres annos — um convencido da belleza peculiar dos versos sem rima e sem metrica uniforme, belleza differente da dos outros, vasados nos moldes classicos e rigidos, na sua uniformidade. A polymetria e o verso branco eram já um primeiro passo, ainda que timido, para a emancipacão total. Esta foi, afinal, alcançada; mas julgo ser um erro a exaggeracão dos que condemnam em absoluto a metrificacão regular.

Como, em architectura, o cubismo não poderá matar os outros estylos, que possuem belleza sua, caracteristica, assim em todas as artes; o progresso é um enriquecimento, uma conquista de novas possibilidades, sem perda das acquisições anteriores.

Ha, no Canto da Noite, alguns sonetos muito curiosos, que particularmente me agradaram: Momento (ps. 59-60), e Canção da breve serenidade (ps. 207-208). O encanto dessas paginas parece-me que resulta de causas complexas. Em primeiro lugar, já se vê, do proprio thema, que é dos mais humanos e está aproveitado com rara felicidade na escolha dos toques mais suggestivos. As imagens visuaes e auditivas mesclam-se com os sentimentos e idéas abstractas, com as aspirações vagas e profundas, num mixto de real poder emotivo. Ha, porém, a meu vêr, ainda outro elemento de belleza: a ausencia de rima e metrica regular (conservada, todavia, a musica do soneto, no que tem de mais subtil e admiravel — a sequencia dos dois tercetos após os dois quartetos), essa mesma falta de elementos que estamos habituados a encontrar nos sonetos como que nos leva a suppôr a existencia de um texto primitivo, noutra idioma, porventura ainda mais bello e expressivo. E a resonancia interior, echo espiritual dessa outra musica ignota e apenas entreouvida augmenta o prazer finissimo da emoção.

Terá sido esta a intencão do poeta? Não o posso affirmar. Pouco importa, aliás. E' sabido que o melhor da inspiração é, quasi sempre, inconsciente e sem artificios propositados. E por isso mesmo a critica erra frequentemente, no seu proposito pretensioso de observar as almas com microscopio...

Augusto Frederico Schmidt é, repetimol-o, um genuino poeta, não um simples versejador mais ou menos habil na sua arte ou officio. A visão do mundo elle a tem em funcção do seu eu emocional. Neste livro, em que ha tanta idéa subjacente, subterranea, difficil por

vezes de encontrar como o filão aureo em terrenos metamorphicos, neste livro ha emoção poetica da primeira á derradeira pagina. Deante da belleza e do mysterio do mundo, o poeta é todo olhos e ouvidos. Vibra, no perpassar da corrente de inspiração poetica, á semelhança de uma lampada de radio, que se accende e canta.

Aberta a sua janella para a contemplação da vida, o poeta sonha accordado. E o seu sonho é calmo e triste.

Triste? Sim e não. Dir-se-ia, á primeira vista, que este é um volume de acerbo sofrimento e desengano. Até o amor, aqui, parece não ter a doçura do fruto sasonado. A tristeza do poeta — elle mesmo o diz — é uma tristeza desconhecida:

Como o Vento desta noite, como a chuva e o frio,
Chegou faz pouco ainda, de muito distante
de mim mesmo,
Esta tristeza immensa e indefinida!
Nenhuma razão no entanto dessa magua
Subiu á tona da lembrança,
Tudo ficou confusamente em mim mesmo
Mas foi uma tristeza de passarinho
morto num caminho chovendo,
Tristeza de animaes com frio e de
casebres miseráveis.

Mas logo o proprio poeta reconhece:

... esta tristeza não é minha,
... habita o meu coração como o
viajante que batido pela tempestade
se abrigou numa casa desconhecida do caminho.

E, numa imagem de grande belleza:
E' que de certo minh'alma estava distrahida
E, como as janellas abertas sobre a
noite recebem o vento frio
Minh'alma recebeu esta tristeza não minha
vinda talvez como mensagem de
longe para um morto ha pouco
E que andava perdida procurando
um coração qualquer abandonado
áquella hora

Bem o comprehendem: aquellas almas, que tambem alguma vez, distrahidos, abriram as suas janellas ao vento frio da noite.

Ellas, porém, talvez tenham — algumas ao menos — a ventura de acompanhar o poeta no seu optimismo (como é arida, e fria, a pretenciosa linguagem philosophica!) dos ultimos versos do "Canto da Noite", quando pergunta a si mesmo "Por que chorar?"

Por que chorar, meu Deus, se estou feliz, e pobre,
 ... Feliz como os cegos para quem a luz e mais bella do que a luz,
 Feliz como um prisioneiro dormindo
 Por que chorar?

Acaba de apparecer

S. THOMAZ DE AQUINO — SUMA THEOLOGICA — Traducção portugueza de Alexandre Correia — Um volume de 484 pags. com texto latino, brochado 40\$000.

*Pedidos á Bibliotheca Anchieta — Praça
 15 de Novembro, 101-2.º — C. P. 249 — Rio.*

REGISTRO

PERILLO GOMES.

LIBERDADE O Prefeito de Nova York, Sr. Linelo Languardia, nomeou recentemente para cargo de responsabilidade, como retri-
RELIGIOSA buição de favores eleitoraes, um amigo seu o Dr. Charles Fama. Os conselheiros municipaes, no entanto, por unanimidade, negaram approvação ao acto do Prefeito, em razão da attitude do nomeado, em relação á Egreja Catholica, attitude que a digna corporação considera escandalosa. O caso do Dr. Fama é banalissimo e pode ser contado em poucas linhas: catholico, não sabemos se de nascimento, de subito mudou de crenças filiando-se ao protestantismo presbyteriano. E a maneira que lhe ocorreu, de demonstrar sua fidelidade á nova confissão, consistiu em atacar, de maneira brutal, á que fôra infiel. Vê-se assim que o Dr. Fama não se propõe pelo menos á fama de original. O que ha de original, no caso, é que uma corporação politica de uma metropole como Nova York, se interesse pelas demonstrações religiosas de um seu alto funcionario. Se tal corporação fosse composta exclusivamente de catholicos, a explicação do caso resultaria da maior simplicidade: intolerancia, fanatismo, reminiscencia inquisitorial, etc. Acontece no entanto, que se ha catholicos no Conselho Municipal de Nova York, tambem ha protestantes e judeus. Ou melhor, ha sobretudo protestantes e judeus. Como explicar, então, a resolução dos edis novayorkinos? Baste-nos examinar suas razões para entendel-a. Elles allegaram que sendo o Dr. Fama tão violento e tão apaixonado em suas manifestações contra o Catholicismo, representava assim o typo do sectario que, onde quer que seja, põe em perigo a liberdade religiosa. A these é perfeitamente verdadeira, e mesmo, perfeitamente democratica. Em um paiz como os Estados Unidos em que as crenças religiosas são de tal modo numerosas, o dever dos homens publicos é de guardar em relação a todas ellas uma attitude de moderação. De sorte que aquelles que por manifestações conhecidas deram testemunho de um espirito de hostilidade a tal ponto escandalosa e grosseira contra uma dellas, como as do Dr. Fama, estão logica e moralmente incapacitados para o exercicio de funcções que possam ter relação com os sentimentos religiosos do povo.

* * *

NO CAMPO Em um ponderado editorial, "O Jornal", ha pouco
SYNDICALISTA tempo estranhava que, precisamente quando os Poderes Publicos do paiz procuram dar provas positivas de seu interesse pelas classes trabalhadoras, adeantando-se ás suas iniciativas para outorgarem-lhe direitos e melhorar sua situação material e moral, essas classes levam a effeito manifestações diri-

gidas contra a ordem publica, contra a segurança nacional e mesmo contra a segurança do Estado, com frequencia e em proporções a que não estavam habituados no Brasil. O enigma, no entanto, tem uma explicação muito pouco complicada. Senão vejamos. As classes trabalhadoras depois da Revolução liberal que lhes destruiu a organização corporativa, estiveram abandonadas e tyrannisadas. Por fim se foi procedendo á sua reorganização por meio dos sindicatos. O Estado, aqui e ali, foi ajudando essa obra humanitaria de soerguimento do operariado. Occorre, no entanto, que se incidiu de começo, em um erro calamitoso: o de pensar que ao trabalhador cabia dar apenas satisfações materiaes. E o movimento syndicalista tomou as características de um movimento materialista. De modo que uma obra que surgia para restabelecer no campo do trabalho o imperio da Justiça, começava por desconhecer e desprezar a fonte da Justiça, a Justiça mesma por excellencia: Deus. Como estranhar que essa obra, em vez de reivindicadora se transformasse em revolucionaria, e se desnaturalizasse, por fim, a ponto de olvidar os interesses profissionaes pelas aventuras da politica? No Brasil se tropeça agora com as consequencias do mesmo erro na organização syndical. Afortunadamente a Constituição, ainda em tempo, vem remediar esse grande mal. Resta saber se os proprios Poderes Publicos não vão contribuir para que o remedio trazido pela Lei basica perca as suas virtudes medicinaes, dado que nós outros temos uma desgraçada tendencia para o charlatanismo, para o sophisma grosseiro da Lei com o intuito patente de burlal-a.

* * *

OS AMIGOS DA "PINGA"... Em Beziere, (França), acaba de realizar-se um Congresso de Medicos Amigos do Vinho, em que tomaram parte cerca de 480 delegados francezes e de outras paizes vinicolas. Entre outras deliberações desta assembléa figurou a de proceder-se a uma activa propaganda afim de que se chegue a um maior consumo dos "vinhos naturaes, uvas e mais productos derivados", visto como favorecem maravilhosamente as funcções vitaes. Esta resolução nada tem de disparatada, tratando-se de medicos que são amigos do vinho. Seria um absurdo, por exemplo, exigir da Sociedade dos Amigos da Russia que nos dissesse qualquer coisa de verdadeiro acerca da dictadura soviética. Para algo, os que a ellas pertencem, hão de ser Amigos da Russia. Passa igual a esses medicos do Congresso de Beziere. A parcialidade em favor do vinho era condição imperiosa para tomar parte no scenaculo. Essa parcialidade teria de resultar: ou de ser um authentico bebedor de vinho, ou de ser chimico a quem o vinho favorece na renda do consultorio. E' bem verdade que ha a allegação de que o vinho estimula as funcções vitaes. Acontece porém, que, com o espirito tão duramente pratico dos nossos dias, toda gente está disposta a dizer que não ha nada tão vital como uma solida conta corrente em bancos da estimação dos homens da França. Emfim, reconhecamos, resta ainda o argumento sentimental dos que estão dispostos a sacrificar a vida por uma boa "pinga"...

* * *

A MILITARIZAÇÃO DE UM POVO Recente decreto do Governo italiano estende a obrigação do serviço militar em Italia, á idade infantil. E' sabido que já existiam ali as organizações dos "balillas", para meninos de 8 a 14 annos de idade, e a dos "vanguardistas", para jovens de 14 a 18 annos, destinadas á educação pre-militar da mocidade. O ingresso nessas organizações, comtudo, era

facultativo. De agora em diante, porém, segundo o decreto em apreço, o registro nos livros dos "baillias" e dos "vanguardistas" é de rigor para todo italiano em idade correspondente á dos seus membros. Ademais disto, a instrução militar passa a ser imperiosa nos collegios secundarios e nas universidades do paiz. Não queremos discutir a sabedoria deste acto do governo italiano. Nem regateamos tambem o reconhecimento de que elle guarda uma perfeita coherencia com o espirito do tempo. Com effeito, toda a politica das grandes potencias, hoje em dia, está baseada na preparação para a guerra. Das grandes e das pequenas, sobretudo no Velho Mundo. Deste modo o alludido decreto pode ser considerado como uma de tantas providencias com que os estadistas europeus acreditam, ou fazem acreditar, que estão laborando pela seguridade nacional, e, ainda, pela tranquillidade internacional. Como quer que seja, uma conclusão é inevitavel: si se considera essencial para a obra da paz, o desarmamento moral, é evidente que não será com a militarização intensiva de um povo que se hão de apylacar os instinctos guerreiros de uma nação.

* * *

QUEM SE OCCUPA

DE NÓS

Todo brasileiro que haja vivido algum tempo no estrangeiro, sobretudo na Europa, sabe que fóra de um circulo mui reduzido de homens de negocios ou de exploradores da nossa ingenuidade, ninguem se occupa de nós. A imprensa, em geral, guarda a nosso respeito um silencio mortal. Salvo quando ocorre no Brasil uma grande desgraça: uma catastrophe, uma revolução, etc. uma dessas noticias que possam interessar ao leitor pelo pittoresco ou pelo sensacional. De um certo tempo a esta parte, no emtanto, observa-se nos meios catholicos europeus um movimento de curiosidade em relação ao Brasil. O maior jornal catholico do Velho Mundo, verdadeiro modelo de imprensa catholica, "El Debate", de Madrid, frequentemente publica notas sympathicas ao Brasil. Onde porém se sente mais attenta a opinião catholica em relação ao nosso paiz, a nosso juizo, é em França. E neste particular não têm influido pouco alguns intellectuaes que fazem parte da redacção de publicações parisienses de primeira ordem como "La Vie Intellectuelle", "La Revue des Jeunes" e "Sept". Ainda agora, a proposito da nova Constituição brasileira, Jean Duriau publica uma noticia em "La Vie Intellectuelle", que sôa mais grata ao coração brasileiro, não olvidado ainda do grande e generoso estudo que nos dedicou, em numero anterior da mesma revista.

BIBLIOGRAPHIA

A ORDEM recebeu e agradece:

JORNAES:

- A União, O Globo, Informação, A Cruz — Desta Capital;
O Horizonte — De Bello Horizonte;
O Ascensor — De Jaboticabal;
O Operario, O Debate, O Legionario — De São Paulo;
Mensageiro do Senhor Bom Jesus, Pirapora — São Paulo;
A Defesa — De Caruaru';
Gazeta de Nazareth — De Nazareth;
A Liberdade, bi-semanario — De Therezina;
O Sino — Parnahyba, Ejauby;
Correio Catholico — De Uberaba, Minas;
Gazeta do Commercio — Caruaru, Pernambuco;
A Gazeta e A Tribuna — De Recife;
Revolução e O Nordeste (diario) — De Fortaleza, Ceará;
A Imprensa (diario) — De João Pessoa;
Brasil - Central — De Bomfim, Goyaz;
Commercio do Jahu' — De Jahu';
Gazeta do Commercio — De Tres Lagôas, Matto Grosso;
O Apostolo — De Alagoas;
Era Nova (diario) — Da Bahia;
A Opinião Publica — De Pelotas, Rio Grande do Sul;
L'Esprit Nouveau — Bruxellas, Belgica;
Semaine d'Averbode — De Averbode, Belgica;
O Semeador — De Itajubá, Minas;
O Triangulo — De Araguay, Minas;
O Apostolo — De Florianopolis;
Santuário de Santa Therezinha — De Taubaté;
Equipe — Desta Capital;
El Pueblo — De Buenos Aires;
El Debate — De Madrid;

REVISTAS:

- Nova Geração, Cantabona, Boletim do Instituto de Engenharia e Idort.
— De São Paulo;
Revista Brasileira de Musica, Revista de Cultura, Natal, Excelsior, Mensageiro do Coração de Jesus, Traço de União (do Collegio Jacobina), Bandeirantes — Desta Capital;
"Broteria", de Lisboa, e "Gil Vicente", de Guimarães — Portugal;
O Amigo dos Meninos — De Pirapora, São Paulo;
Flores de Carmelo e Idade Nova — De Porto Alegre;
Vozes de Petropolis e Terra e Céc — De Petropolis;
Schonere Zukunft — De Vienna;
Critério — De Buenos Aires;

Broteria — Fasciculo 5, novembro de 1934 — Lisboa.

SUMMARIO:

"O Cavallo de Troia em Genebra" — Neves Monteiro. "Algo mais sobre eugenismo" — Riba Leca. "Colonização dos Portuguezes no Brasil" — Serafim Leite. "Pintura de genios" — J. da Costa Lima. "Orientação Pedagógica" — M. P. Baptista. "Documentos recentes da Santa Sé" — E. Jombart. — Revistas das Revistas, Bibliographias e obras recebidas.

NATAL — Orão das Noelistas Brasileiras. N. 117 — Novembro de 1934.
Summario: — "Eucharistia e Paz" J. Mariz de Moraes. "Impressões de Buenos Aires" — Evangelina Escavista de Siqueira Franco. "Nossa Senhora de Lujan" — Maria Luiza Fontes Ferreira. "Certa vez", poema — Martha. "Vida literaria,, Chronica, Anchieta, — Jorge de Lima. Discursos — Retalhos — A Moral chirstã e a pedagogia — Laura Jacobina Lacombe. — Documentos, — Semana Noelista — Pequena Academia — União Noelista.

BIBLIOTHECA ANCHIETA

A A. B. C.

Associação de Bibliotheca Catholica

Mantem em sua séde a BIBLIOTHECA ANCHIETA que dispõe de um stock de bons livros nacionaes e estrangeiros para servir aos seus amigos desta Capital e do interior do paiz, e conta com a preferencia de todas as pessoas que tenham necessidade de adquirir qualquer obra de orientação catholica, nacional e estrangeira.

A BIBLIOTHECA ANCHIETA se encarrega de mandar vir do estrangeiro encomendas de livros (de orientação catholica) de todos aquelles que quizerem honral-a com a sua preferencia.

PRAÇA 15, 101-2.º

Caixa Postal 249

RIO DE JANEIRO